

MARIA GORETE BENDER DOS SANTOS

**ANÁLISE DE EXEMPLOS NO *DICCIONARIO BILINGÜE DE USO
PORTUGUÉS-ESPAÑOL (DIBU)***

Florianópolis, novembro de 2006

MARIA GORETE BENDER DOS SANTOS

**ANÁLISE DE EXEMPLOS NO *DICCIONARIO BILINGÜE DE USO
PORTUGUÉS-ESPAÑOL (DIBU)***

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução; área de concentração: Linguística Aplicada; linha de pesquisa: Lexicografia e o ensino de línguas.

Orientador: Prof. Dr. Philippe Humblé

Florianópolis, novembro de 2006.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Estudos da Tradução da
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como requisito para obtenção do grau de

MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Área de concentração:

Linha de pesquisa: Lexicografia, Tradução e o Ensino de Línguas.

Aprovada em sua forma final pelo
Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução
da Universidade Federal de Santa Catarina

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Philippe Humblé
Orientador

Prof^ª Dr^ª Cleci Regina Bevilacqua

Prof^ª Dr^ª Ana Cláudia de Souza

Prof^ª Dr^ª Maria José Damiani Costa
(Suplente)

À minha mãe, Ema, pelo seu exemplo de coragem, persistência e determinação e à minha irmã Nara, por seu carinho, incentivo e confiança.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente um agradecimento especial à minha família, que me oferece o seu amor, que é o meu maior incentivo.

À minha mãe, Ema, que através de sua frustração por não ter estudado, me transmitiu o amor pelos estudos.

À minha irmã Nara, que durante estes dois anos esteve sempre presente com seu apoio e incentivo, que foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Aos meus queridos irmãos Rose e Paulo pelo grande apoio e incentivo, ainda que a distância.

Ao meu pai, Heitor, por torcer pelo meu sucesso.

Agradeço ao meu orientador, prof. Philippe Humblé, pela oportunidade, por sua compreensão, apoio e orientação.

Às minhas queridas amigas Sílvia, Neusa, Rejane, Rafaela, Sabrina, Vick e Marize que contribuíram com seu carinho e incentivo.

Às minhas professoras de inglês Anelise e Márcia que se tornaram queridas amigas, cuja contribuição foi muito além das excelentes aulas de inglês.

A todos da secretaria da PGET, em especial à Emy e à Marivone, pela atenção e gentileza.

Ao prof. Rafael Camorlinga por suas sugestões na qualificação.

À prof^a. Ana Cláudia de Souza por suas contribuições na qualificação e por ter aceito o convite para participar da banca examinadora.

À prof^a. Cleci Bevilacqua, por seu apoio e gentileza e por ter aceito o convite para participar da banca examinadora.

À prof^a. Janice Mileni Bogo, por seu carinho, incentivo e apoio.

Ao prof. Marco Antônio Seifriz, por conceder autorização para minha licença-prêmio, sem a qual eu não teria conseguido concluir este trabalho dentro do prazo previsto.

Finalmente, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho, inclusive àqueles que impuseram dificuldades no meu caminho, que sem saber, foram os meus maiores incentivadores.

Se você se esforçar em ampliar os seus limites, um pouco de cada vez, porém sempre mais, descobrirá o prazer de vencer o maior dos desafios: o de superar a si mesmo.

Rosana Zoelner

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os exemplos em português de oito substantivos e oito adjetivos do *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Portugués-Español (DiBU)*, com o intuito de verificar se estes exemplos refletem de fato o uso real da língua portuguesa. Esta verificação foi realizada a partir da frequência encontrada de trechos dos exemplos no *site* de buscas *Google*. Desta forma pretendeu-se confirmar a informação fornecida pelos autores do *DiBU* de que os exemplos desse dicionário foram baseados no uso real da língua portuguesa. Foram pesquisadas também quais as colocações encontradas com estes substantivos e adjetivos visando apresentá-las como sugestões para possíveis exemplos nos dicionários. No caso dos substantivos foram pesquisados também quais os verbos que geralmente os acompanham. Estas buscas foram realizadas no *corpus da Folha de São Paulo*, 1995/1996. As análises realizadas com base nos dados encontrados confirmam que a maioria dos exemplos pesquisados de fato reflete o uso real da língua portuguesa.

Palavras-chave: Dicionário bilíngüe. Exemplos. Colocações.

ABSTRACT

The present work examines the examples in Portuguese of eight nouns and eight adjectives from the *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Português Português-Español* (DiBU), in order to find out if such examples reflect their actual use in Portuguese. The starting point of this investigation was the analysis of the frequency found in segments of these examples on the search site Google. This research intended to confirm the information provided by the authors of *DiBU* that the examples of this dictionary were based on their actual use in Portuguese. It was also examined which collocations were found with these specific nouns and adjectives intending to present them as suggestions for possible examples in dictionaries. Concerning the nouns, it was also investigated which verbs often occur with them. These searches were done in the corpus of *Folha de São Paulo*, 1995/1996. The observations done, based on the data found, confirm that most of the examples investigated actually reflect their use in Portuguese.

Key-words: Bilingual dictionary. Examples. Collocations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 OBJETIVOS.....	16
1.1.1 Objetivo geral.....	16
1.1.2 Objetivos específicos.....	16
1.2 Justificativa.....	16
2 O DICIONÁRIO BILÍNGÜE DE USO ESPANHOL – PORTUGUÊS /	19
PORTUGUÊS - ESPANHOL.....	
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	21
3.1 LEXICOGRAFIA.....	21
3.2 O DICIONÁRIO.....	22
3.2.1 Dicionários monolíngües, bilíngües e semibilíngües.....	23
3.2.2 Dicionário de uso.....	26
3.3 EXEMPLOS.....	28
3.4 COLOCAÇÕES.....	35
3.5 EQUIVALENTE OU TRADUÇÃO.....	40
4 ANÁLISES DOS EXEMPLOS E IDENTIFICAÇÃO DE COLOCAÇÕES COM	42
OS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS PESQUISADOS.....	
4.1 SUBSTANTIVOS.....	44
4.2 ADJETIVOS.....	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
APÊNDICE A – Levantamento dos verbos que acompanham o substantivo <i>atividade</i> no	89
<i>corpus da Folha de São Paulo 1995/1996.....</i>	
APÊNDICE B – Levantamento dos verbos que acompanham o substantivo <i>dúvida</i> no	90
<i>corpus da Folha de São Paulo 1995/1996.....</i>	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Números de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira aceção do substantivo <i>atividade</i>	44
Quadro 2 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para a segunda aceção do substantivo <i>atividade</i>	45
Quadro 3 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para a segunda aceção do substantivo <i>atividade</i>	46
Quadro 4 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a terceira aceção do substantivo <i>atividade</i>	46
Quadro 5 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o substantivo <i>brutalidade</i>	47
Quadro 6 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o substantivo <i>cadastro</i>	48
Quadro 7 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o substantivo <i>dúvida</i>	50
Quadro 8 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para o substantivo <i>dúvida</i>	51
Quadro 9 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o substantivo <i>empecilho</i>	52
Quadro 10 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para o substantivo <i>empecilho</i>	52
Quadro 11 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira aceção do substantivo <i>firmeza</i>	53
Quadro 12 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda aceção do substantivo <i>firmeza</i>	54
Quadro 13 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para a terceira aceção do substantivo <i>firmeza</i>	54
Quadro 14 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para a terceira aceção do substantivo <i>firmeza</i>	55
Quadro 15 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira aceção do substantivo <i>garantia</i>	56

Quadro 16 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda aceção do substantivo <i>garantia</i>	56
Quadro 17 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a terceira aceção do substantivo <i>garantia</i>	57
Quadro 18 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a quarta aceção do substantivo <i>garantia</i>	58
Quadro 19 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para a primeira aceção do substantivo <i>hábito</i>	61
Quadro 20 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para a primeira aceção do substantivo <i>hábito</i>	62
Quadro 21 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda aceção do substantivo <i>hábito</i>	63
Quadro 22 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a terceira aceção do substantivo <i>hábito</i>	63
Quadro 23 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira aceção do adjetivo <i>integral</i>	66
Quadro 24 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda aceção do adjetivo <i>integral</i>	66
Quadro 25 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o adjetivo <i>judicial</i>	68
Quadro 26 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira aceção do adjetivo <i>liberal</i>	69
Quadro 27 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda aceção do adjetivo <i>liberal</i>	69
Quadro 28 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o adjetivo <i>marítimo</i>	71
Quadro 29 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o adjetivo <i>nefasto(a)</i>	72
Quadro 30 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para o adjetivo <i>nefasto(a)</i>	73
Quadro 31 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o adjetivo <i>observador(a)</i>	73
Quadro 32 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o adjetivo <i>pacato(a)</i>	74

Quadro 33 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o adjetivo <i>químico(a)</i>	76
Quadro 34 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para o adjetivo <i>químico(a)</i>	77

1 INTRODUÇÃO

O dicionário, em termos gerais, é um importante instrumento de apoio tanto para o aprendizado de uma língua (compreensão e produção), quanto no trabalho de tradução de uma língua para outra. Dentro do universo dos dicionários, o dicionário bilíngüe exerce um papel fundamental na aprendizagem e tradução de uma língua estrangeira.

O *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Portugués-Español* (DiBU)¹ tem como proposta, de acordo com Moreno e González (2003, p. VII) “facilitar o processo de codificação em espanhol e de descodificação do português”. Ele é apresentado como um *dicionário de uso*² e um *dicionário básico*³, que fornece exemplos para todas as palavras apresentadas e informações fraseológicas.

Este trabalho se propõe a realizar a análise de alguns exemplos apresentados pelo DiBU, em português, em seu volume Português-Espanhol (vol.2). São analisados os exemplos de oito substantivos e oito adjetivos. Os substantivos são: *atividade, brutalidade, cadastro, dúvida, empecilho, firmeza, garantia e hábito*. Os adjetivos são: *integral, judicial, liberal, marítimo(a) e nefasto(a), observador(a), pacato(a) e químico(a)*.

Moreno e González (2003, p. VIII) informam, na apresentação do seu dicionário, que “os exemplos foram criados pelos próprios redatores da obra, porém são baseados em usos reais de ambas as línguas”. González (2004) esclarece que, sempre que possível, os exemplos do DiBU foram tirados de alguma conversa que os autores teriam escutado ou de algum texto que teriam lido. Ou seja, os exemplos foram inventados pelos autores, mas foram

¹ DiBU Diccionario Bilingüe de Uso español-portugués/portugués-español. Directores: Neide Maia González y Francisco Moreno. Madrid: ARCO/LIBROS, 2003.

² Refere-se aqui ao tipo de dicionário que concede prioridade às manifestações léxicas mais habituais da língua espanhola e da língua portuguesa.

³ Quer dizer que o seu número de entradas não permite utilizar a obra como um dicionário de tecnicismos ou de regionalismos.

baseados no uso real da língua portuguesa e da língua espanhola, sempre que possível, por meio de conversas escutadas (linguagem oral) ou textos lidos (linguagem escrita). O que quer dizer que possivelmente aparecem no DiBU alguns exemplos representativos da linguagem oral e outros da linguagem escrita. Sabe-se que a linguagem oral tem características distintas da linguagem escrita, geralmente apresenta um caráter menos formal.

As pesquisas foram realizadas por meio do *site* de buscas <http://www.google.com.br>⁴ com o intuito de verificar se realmente os exemplos apresentados pelo dicionário refletem o uso real da língua portuguesa, baseado na frequência em que os exemplos ocorrem na referida máquina de buscas. Porém, o *site* de buscas *Google* é formado apenas por textos escritos, por isso, aqueles exemplos do DiBU que foram baseados na linguagem oral, podem não apresentar ocorrências no *site Google*, e dessa forma levar à falsa conclusão de que esses exemplos não são representativos da língua portuguesa. Com o intuito de resolver essa questão, em alguns momentos em que essa situação se configurou nessa pesquisa, foi utilizada a experiência da autora como falante da língua portuguesa para identificar se o exemplo pesquisado era ou não representativo da língua portuguesa.

Também foram realizadas buscas no *corpus da Folha de São Paulo*⁵ com o objetivo de identificar quais as palavras que geralmente acompanham os substantivos e os adjetivos pesquisados e desta forma sugerir como poderiam ser os exemplos para estas palavras nos dicionários.

O trabalho está dividido em duas partes: a teórica e a prática. A parte teórica é apresentada no Capítulo 3: a Revisão de Literatura, que apresenta o resultado do estudo da literatura que definiu os rumos da pesquisa.

⁴ A companhia Google foi fundada em 1998 por Larry Page e Sergey Brin, dois estudantes Ph.D da Universidade de Stanford. Oferece acesso a mais de 1,3 bilhão de páginas. As consultas demoram normalmente menos de meio segundo. Responde hoje a mais de 100 milhões de consultas por dia.

⁵ Corpus da Folha de São Paulo 1995/1996.

Primeiramente são comentados os dois ramos da *lexicografia*: a parte prática, que se relaciona com a compilação e confecção de dicionários, e a parte teórica, que trata da pesquisa sobre dicionários. Em seguida são mencionadas algumas definições de *dicionário*, e também apresentado um panorama geral sobre os diversos tipos de dicionários existentes e suas características: *dicionários monolíngües, bilíngües e semibilíngües; e dicionário de uso*. O próximo tema tratado são os *exemplos*, sua importância para os dicionários, quais as funções que eles podem desempenhar e quais os critérios que podem ser adotados para a sua seleção. São comentadas as vantagens e desvantagens dos exemplos autênticos, dos inventados e dos adaptados e mostrados os diferentes pontos de vista de diversos autores em relação a esses tipos de exemplos. Após os exemplos são abordados alguns aspectos em relação às *colocações*. Inicialmente é apresentado um breve comentário sobre a importância do vocabulário na aprendizagem de uma língua. Comenta-se a relação que existe entre a palavra e o contexto em que está inserida. Em seguida é mencionado o papel das colocações na aprendizagem de uma língua estrangeira. É apresentada a visão de diversos autores em relação às colocações, suas definições e características. Comenta-se como os recursos atuais da informática podem auxiliar na identificação das colocações e, finalmente, são mostradas as opiniões de alguns autores sobre a pouca importância que é dada em relação à apresentação das colocações nos dicionários em geral. O último item tratado na revisão bibliográfica é a *tradução* ou *equivalente*. Nesta seção informa-se ao leitor o que é uma *tradução* ou *equivalente* e que função desempenha em um dicionário.

No Capítulo 3 encontra-se a parte prática do trabalho. Esse capítulo apresenta as análises de exemplos do DiBU a partir dos dados obtidos por meio do *site* de buscas *Google* e as colocações localizadas no *corpus da Folha de São Paulo*.

Nas considerações finais encontra-se uma reflexão sobre os resultados da pesquisa, seguida pela bibliografia.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo dessa pesquisa é averiguar se os exemplos em português, do volume Português-Espanhol (vol.2), do *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Portugués-Español* (DiBU), realmente refletem o uso real da língua portuguesa, ajudando na compreensão dessa língua, e também contribuir com sugestões de outros possíveis exemplos.

1.1.2 Objetivos específicos

- Verificar se os exemplos, ou parte dos exemplos, fornecidos pelo DiBU, para exemplificar alguns substantivos e adjetivos da língua portuguesa, refletem o uso real dessa língua, o que será realizado por meio da frequência encontrada destes exemplos, ou parte deles, no *site* de buscas *Google*;
- Sugerir como seriam os melhores exemplos possíveis para estes substantivos e adjetivos a partir das colocações encontradas com essas palavras no *corpus da Folha de São Paulo*.

1.2 JUSTIFICATIVA

A presença dos exemplos em um dicionário bilíngüe é de grande importância, tanto para a atividade de compreensão quanto, e principalmente, para a atividade de produção da língua.

O *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Portugués-Español*, como o próprio nome diz, é um dicionário de uso e, como tal, se propõe a fornecer informações que revelem o uso real da língua espanhola e da língua portuguesa.

Uma das principais formas de mostrar o uso real da língua é por meio de exemplos. Por isso, parece de suma importância a verificação se de fato os exemplos apresentados pelo DiBU refletem o uso real da língua, buscando essa informação por meio da pesquisa no *Google*, o que será realizado neste trabalho com os exemplos da língua portuguesa do volume 2, português-espanhol. São pesquisados os exemplos de oito substantivos e oito adjetivos, totalizando 34 exemplos.

Como a colocação é uma combinação de palavras que habitualmente ocorrem juntas em uma comunidade lingüística, ela é um elemento importante a ser utilizado para representar o uso real de uma língua. Dessa forma, as colocações deveriam, constantemente, fazer parte dos exemplos apresentados pelos dicionários. Por isso, esse trabalho traz sugestões de combinações de palavras que normalmente ocorrem juntas com os substantivos e adjetivos analisados nesse trabalho. Essas buscas foram realizadas no *corpus da Folha de São Paulo*.

Essa pesquisa poderá contribuir com os estudantes e professores da língua portuguesa, lexicógrafos e todos os que tenham interesse em conhecer um pouco mais sobre a relação entre os exemplos apresentados em português pelo *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Portugués-Español* e o uso real da língua portuguesa.

Além disso, de uma maneira geral, pode servir de base para outros estudantes que se interessem por esse tipo de pesquisa e queiram se aprofundar no estudo dos dicionários e da forma como são elaborados. Essa é uma área que não tem sido explorada como deveria e espero, com esse trabalho, despertar o interesse e a atenção da comunidade científica para o estudo do dicionário. Afinal, esse instrumento de trabalho é muitas vezes visto como pouco útil e repleto de imperfeições. É necessário que a comunidade perceba que a crítica negativa

que somente despreza e desvaloriza os dicionários não é construtiva. Se os dicionários em geral apresentam muitos problemas e imperfeições, deveríamos então buscar fórmulas e soluções, sempre com o intuito de contribuir para que cada vez mais esses instrumentos de apoio possam ser aprimorados e dessa forma prestar o máximo auxílio possível aos seus usuários, facilitando assim o ensino e o aprendizado das diversas línguas.

2 O DICIONÁRIO BILÍNGÜE DE USO ESPANHOL-PORTUGUÊS / PORTUGUÊS-ESPANHOL.

O Dicionário bilíngüe de uso Espanhol-Português, Português-Espanhol (DiBU), de acordo com seus autores, foi elaborado a partir de um conceito inovador de dicionário bilíngüe, pelo qual se concede uma grande importância tanto à equivalência semântica das palavras quanto ao seu uso em contexto. É destinado a todos aqueles que necessitam informação a partir das e para as línguas espanhola e portuguesa.

O número de entradas se situa em torno de 10.000 por língua, no entanto o número de entradas na parte <português-espanhol> é ligeiramente superior. Com isso os autores pretendem atender a uma necessidade que não é coberta da mesma forma em outros dicionários: facilitar o processo de codificação em espanhol e de descodificação do português, como foi mencionado anteriormente.

Uma das características do DiBU é ser um dicionário de exemplos, o que quer dizer que apresenta “amostras de usos reais, em espanhol e em português, para todas as palavras definidas, salvo contadas exceções, para cada acepção. Os exemplos vão acompanhados, quando necessário, de informação pragmática”. (MORENO; GONZÁLEZ, 2003)

Além dos exemplos o DiBU apresenta também um grande número de informação fraseológica. Os exemplos em espanhol foram redigidos a partir do espanhol de Castela, e os exemplos em português da região de São Paulo.

O verbete oferece a estrutura de cada palavra, com a separação silábica e as marcas de morfologia flexiva, apresenta também a indicação de classe de palavra, a indicação de âmbito técnico, a procedência geográfica ou origem semântica. Contém também equivalências léxicas, remissões a sinônimos, antônimos, exemplos e palavras relacionadas ou outras palavras que, embora parecidas nas duas línguas, têm significados diferentes. O DiBU apresenta também diversos tipos de observações pragmáticas e lingüísticas. Nos verbos, são

apresentados um número de modelo de conjugação que remete a um apêndice no qual se desenvolvem os modelos verbais do espanhol e do português. (MORENO; GONZÁLEZ, 2003)

O DiBU oferece também informações de natureza geográfica, indicando o uso das línguas portuguesa e espanhola em diferentes países ou regiões. No caso do espanhol, os países dos quais são apresentadas informações mais detalhadas são Espanha, Argentina, Paraguai e Uruguai, por suas estreitas relações com o Brasil. No caso do português, da região Sudeste do Brasil.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esse capítulo se propõe a apresentar a base teórica necessária para situar o leitor no contexto do tema que está sendo tratado. Inicialmente são abordados aspectos mais gerais como os conceitos de lexicografia, dicionário (monolíngüe, bilíngüe e semibilíngüe; dicionário de uso). Posteriormente são tratados tópicos mais específicos como os tipos de exemplos, colocações, e equivalente ou tradução.

3.1 LEXICOGRAFIA

A lexicografia pode ser dividida em dois ramos distintos. Um deles envolve uma parte prática que está relacionada com a compilação ou confecção de dicionários, e outro que se refere à parte teórica, que trata da pesquisa sobre dicionários. Hartmann (2001, p.4) confirma: “Lexicography is a growing field, with a practical branch (dictionary making) and a theoretical branch (dictionary research)”. Já Hartmann (1983, p.4) afirma que o campo da lexicografia e a atividade do lexicógrafo estão relacionados com o “[...] job of describing all or some of the words of one or more languages in terms of their characteristic features, notably of their meaning”. Ele explica que o trabalho do lexicógrafo é uma atividade descritiva, pois descreve os itens do vocabulário e os organiza em uma ordem particular. É uma atividade que se ocupa mais com o registro do uso existente do que com o estabelecimento de regras normativas ou prescritivas sobre como as palavras deveriam ser usadas ou sobre quais delas deveriam ser evitadas.

Welker (2004) reafirma os dois sentidos do termo *lexicografia*. Menciona que se usa a expressão *lexicografia prática* para um desses sentidos, e que essa expressão designa a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários.

Em relação à parte teórica, menciona a expressão *lexicografia teórica* e explica que um outro termo é empregado, freqüentemente, em línguas como o alemão, francês e inglês: *metalexicografia*. Da mesma forma são usados os termos *metalexicógrafo* e *metalexigráfico*. A *metalexicografia* abrange, ainda de acordo com Welker (2004, p. 11) “[...] o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e ainda a tipologia”. Ele explica que o lexicógrafo é aquele que produz um dicionário e o metalexicógrafo escreve sobre dicionários. Menciona ainda dois autores que exercem as duas atividades ao mesmo tempo, são eles Maria Tereza C. Biderman e Francisco S. Borba.

3.2 O DICIONÁRIO

O dicionário pode ser visto sob diferentes perspectivas, por isso encontram-se definições com diferentes abordagens. Hartmann (1983, p.3), o define como um “[...] reference book or list of words (usually in alphabetical order) together with a guide to their meanings, pronunciation, spelling, or equivalents in other languages”. Sobre o papel do dicionário esse autor destaca que apesar da codificação do uso ser um objetivo importante do dicionário, a maioria dos lexicógrafos sente alguma satisfação em saber que o seu trabalho pode ajudar ao usuário comum da língua a resolver algumas dificuldades e conflitos em algumas situações comunicativas. Já Schmitz (1997, p. 62) destaca o papel do dicionário na sociedade, que, segundo ele, é o de “[...] servir como espelho dos recortes culturais, dos problemas e das preocupações da nação”.

O dicionário foi definido por Biderman (2001, p.131) como “[...] uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. De acordo com Biderman (2001, p. 132) “[...] os dicionários recolhem o tesouro lexical da língua

num dado momento da história de um grupo social”. Para Borba (1993, p.22) o dicionário é “[...] um conjunto de unidades lexicais listadas de forma independente umas das outras: é um conjunto de morfemas lexicais, isto é, de unidades significativas codificadas ou signos.”

Já para Galera (1996, p.13) é [...] un texto, un discurso acabado, cuyo objeto no es, como suele creerse, la lengua y el mundo, sino lo que dice de la lengua y el mundo”. Esse autor destaca que o dicionário é uma interpretação da realidade realizada por uma pessoa ou um grupo de pessoas.

3.2.1 Dicionários monolíngües, bilíngües e semibilíngües

Os dicionários bilíngües são mais antigos que os dicionários monolíngües, historicamente falando. Um trabalho arqueológico realizado no Iraque levou à descoberta de dicionários que foram utilizados para a interpretação da mais antiga língua documentada, o Sumério, cujos textos datam de, aproximadamente, 3000 a.C. (AL-KASIMI, 1983).

O propósito básico de um dicionário bilíngüe está muito claramente explicado nas palavras de Zgusta (1971, p. 294):

[...] is to coordinate with the lexical units of one language those lexical units of another language which are equivalent in their lexical meaning. The first language, to whose lexical units the lexical units of the other language are co-ordinated is called the source-language; the order of the entries in a bilingual dictionary is given by the source language. The other language whose lexical units are coordinated to the first ones, is called the target language.

A diferença fundamental entre os dicionários bilíngües e os monolíngües é que os dicionários monolíngües apresentam a explicação da entrada em forma de uma definição na mesma língua do lema. Já nos dicionários bilíngües esta explicação é fornecida na forma de um equivalente, ou uma série de equivalentes na língua meta. O usuário do dicionário monolíngüe, que busca informação sobre uma língua estrangeira, encontrará toda a informação vital metalingüística na língua estrangeira. Já o usuário do dicionário bilíngüe

encontrará a informação que necessita na sua própria língua, o que facilitaria a sua compreensão. Nos dicionários bilíngües não há a preocupação de cobrir todas as características sintático-semânticas dos itens. Isso ocorre porque se acredita que após ter o domínio das palavras básicas, o usuário naturalmente irá procurar um dicionário monolíngüe ou um dicionário para nativos. (TOSQUE, 2002).

A função básica do dicionário bilíngüe, de acordo com Fernández e Flavian (1994/1995) é a de apresentar equivalências, a tradução do termo ao outro idioma, e não explicar o significado dos termos. Segundo elas, o dicionário bilíngüe, em relação ao universo de um idioma, responde a duas questões fundamentais: quais os termos que devem ser incluídos num dicionário e de que maneira? Por outro lado, Tosque (2002) menciona que o grande problema dos dicionários bilíngües é justamente o número limitado dos vocábulos e das definições, já que esse tipo de dicionário privilegia a equivalência em detrimento de uma definição explicativa para os termos, deixando nas mãos do usuário a decisão de qual equivalente é o mais adequado. E acrescenta:

Observamos que muitos dos DB encontrados no mercado costumam trazer em suas definições apenas uma lista de equivalentes, sinônimos da palavra consultada. Ocorre que esses equivalentes são, via de regra, despejados na definição sem a menor contextualização, exemplificação, ou indicação das características sintáticas, semânticas e situações de emprego do item lexical em questão. O aluno é obrigado a tentar inferir, dentre as opções, qual item tem o sentido que melhor se enquadra no contexto em que sua palavra se encontra, na maior parte dos casos, desorientado, erra, o que lhe causa grande desestímulo, confusão e insatisfação com seu dicionário. (TOSQUE, 2002, p. 104).

Como solução para esse problema a autora sugere o dicionário semibilíngüe (DSB) ou híbrido. Schmitz (1998 apud TOSQUE, 2002) afirma que esse tipo de dicionário, que inclui orações-modelo e definições, além dos equivalentes e da tradução, apresenta melhores condições para um aprendizado mais adequado que o dicionário bilíngüe tradicional e que poderá vir a substituí-lo no futuro. Ou como definem Laufer e Kimmel (1997, p.361): “bilingualised dictionaries contain the monolingual information about a word and its translation into the learner’s mother tongue. ”, ou seja, ele reúne a vantagem do dicionário

monolíngüe, que é a apresentação da definição na segunda língua ou língua estrangeira, e a vantagem do dicionário bilíngüe, que é fornecer uma tradução ou equivalente na língua materna

Os dicionários bilíngües podem ser divididos em dois tipos de acordo com a situação de uso. Welker (2004, p. 199) se refere a esses dois tipos como “dicionários de recepção e de produção”.

O dicionário de recepção é aquele que tem por finalidade fornecer ao seu usuário somente as informações necessárias que lhe capacitem para as atividades de leitura, compreensão e tradução de uma língua estrangeira. Essas atividades são mais simples de serem realizadas. Por esse motivo necessitará de menos informações que as atividades de produção de uma língua estrangeira. Dessa forma, muita informação sobre uma entrada (por exemplo: pronúncia, comentário semântico para equivalentes, etc.) pode ser omitida.

A distinção entre dicionários de recepção e dicionários de produção determina a escolha da respectiva língua de origem e língua alvo. “In compiling an English-Arabic dictionary for English speaking users, English should be the SL⁶ if the dictionary is intended for production, whereas Arabic should be the SL if it is meant as a tool for comprehension.” (AL-KASIMI, 1983, p.158). Ou seja, se um falante de inglês desejasse produzir em árabe, o dicionário adequado para a consulta seria o dicionário Inglês-Árabe. Mas se este mesmo falante desejasse compreender algo da língua árabe, o dicionário apropriado seria o Árabe-Inglês.

Atualmente, a maioria dos dicionários bilíngües não faz essa distinção entre recepção e produção, eles reúnem as características dos dois tipos em um mesmo dicionário.

As atividades de produção de uma língua estrangeira são bem mais complexas que as de compreensão, por isso, para tal atividade, o estudante necessitará de informações mais

⁶ Source language

completas do que as fornecidas para a atividade de compreensão. De acordo com Drysdale (1987, p. 214) o objetivo do dicionário para produção é:

[...]not only to find out what words mean – and what they mean in the particular contexts in which they are found – but also to discover (or confirm) how words are to be used, and whether a given word may or may not be used in a particular environment.

Para que o estudante possa produzir a língua estrangeira de maneira eficiente ele necessitará que o dicionário forneça as informações sintáticas e morfológicas da maneira mais completa possível. A presença das colocações e dos exemplos é fundamental para a atividade de produção. Esses elementos, quando bem selecionados, garantem ao usuário do dicionário as informações que ele necessitará para produzir a língua estrangeira da forma como ela realmente é usada no seu ambiente natural.

3.2.2 Dicionário de uso

O propósito básico de um dicionário de uso é fornecer informações a partir do uso direto do idioma, do uso mais freqüente. De acordo com Moreno e González (2003, p. VII) o dicionário de uso “[...] concede prioridade às manifestações léxicas mais habituais e generalizadas no uso de ambas as línguas⁷ sobre outro tipo de informação, a qual poderá ser encontrada em obras diferentes”. Esses autores informam que no DiBU, instrumento foco dessa pesquisa, aparecem principalmente os usos mais comuns em importantes áreas urbanas e que esse dicionário apresenta termos e frases com diferentes graus de formalidade.

De acordo com o DICCIONARIO...(2002) se entende por dicionário de uso em lexicografia aquele que auxilia nas atividades de produção e não somente nas atividades de compreensão, como os dicionários tradicionais. Os autores desse dicionário afirmam que, para

⁷ As línguas aqui referidas são a língua espanhola e a língua portuguesa. Os autores referem-se aqui ao DiBU, de sua autoria. Mas essa definição pode servir para qualquer dicionário de uso.

que o dicionário possa facilitar a expressão e a redação, é importante que ele apresente definições, informações de sinônimos, antônimos e de construção sintática. Além disso, ele deve incluir fraseologia e uma abundância de exemplos. É obrigatório que um dicionário de uso forneça também informações gramaticais. O *Diccionario de uso del español de América y España* se propõe a oferecer informação sintática nas observações e através dos exemplos e também informar um grande número de irregularidades e usos duvidosos. São fornecidas também marcas de uso. “Todo ello debe contribuir a una mejor valoración de la lengua por parte de la persona que consulta el diccionario, a un uso más rico y seguro”. (DICCIONARIO...2002, p. X)

Pode-se citar também, como dicionário de uso, o Dicionário de usos do português do Brasil (DUP), elaborado por F.S. Borba (2002) e outros docentes da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara. Biderman (2003, p. 62) informa que uma das características desse dicionário é “[...] documentar cada significado e/ou uso da palavra-entrada com contextos recolhidos no *corpus*”. E acredita que por essa razão, ele “[...] representa, de fato, um retrato do português brasileiro como está sendo usado pelos usuários da língua hoje”.

Pode-se ainda destacar que as informações fornecidas por um dicionário de usos devem levar em consideração dois aspectos: a variação espacial, ou seja, a variação que ocorre no uso da língua de uma região para outra; e o aspecto social, a variação que ocorre nos registros utilizados pelos indivíduos, dependendo das diferentes situações sociais em que se encontram, ainda que habitem uma mesma região. (BORBA apud WELKER, 2004).

Ignácio (1996) explica que o propósito primordial de um dicionário de uso não é prescrever o uso da língua, mas sim descrever a maneira como a língua está sendo usada. No entanto, normalmente quando o usuário consulta o dicionário ele espera encontrar informações de como se emprega corretamente os elementos lingüísticos e, nesse momento, o

dicionário de uso passa a assumir também uma função normativa. O autor argumenta que dessa forma a responsabilidade do lexicógrafo aumenta muito, porque ele necessita, além do embasamento teórico e a coerência dos critérios lexicográficos necessários para classificar, descrever e registrar os elementos lingüísticos, ter muito cuidado na seleção dos dados realmente representativos da língua. Além disso, qualquer dicionário de uso que pretenda ser fiel à realidade da língua, sofrerá restrições e críticas por parte dos adeptos das normas rígidas da gramática tradicional, que consideram erradas certas construções que já se tornaram correntes e usuais na língua, “vulgarismo” ou “linguagem não-adequada”. Mas o autor conclui que, apesar disso, um dicionário de uso deve ser “[...] o registro fiel da língua em uso numa determinada época. Será tanto mais verdadeiro quanto mais abrangente e mais representativo for o seu *corpus*. Deve contemplar os diversos tipos de textos e, num país como o Brasil, deve abranger a produção escrita de todas as regiões”. (IGNÁCIO, 1996, p. 127)

3.3 EXEMPLOS

Os lexicógrafos começaram a se interessar pelos exemplos somente depois da Segunda Guerra Mundial, principalmente após a publicação do *Oxford Advanced Learner's Dictionary (OALD)* de Hornby (1948). A partir daí os exemplos começaram a ser considerados importantes e começaram algumas reflexões sobre como eles poderiam ser melhorados.

Atualmente muitos lexicógrafos reconhecem a importância que têm os exemplos em um dicionário, tanto para a compreensão, quanto para a produção. Segundo Campos (1994, p. 65), “[...] parece existir un acuerdo generalizado en admitir que los ejemplos no deben ser considerados como un adorno o un elemento meramente accesorio en los diccionarios, sino

que constituyen una parte esencial de los mismos”. Esse autor argumenta que os exemplos são fundamentais porque permitem desenvolver aspectos que são impossíveis de serem incluídos nas definições. Summers (1988, p.111) considera que os exemplos nos dicionários são “[...] absolutely essential both to extend the user’s comprehension, and to provide models for students to remember and perhaps eventually produce [...]”. Creamer (1987, p. 245), referindo-se aos dicionários bilíngües, declara que os exemplos “[...] are vital to any general language bilingual dictionary. [...] With examples, both the dictionary and the dictionary user are richer”. Ele argumenta que, no caso do dicionário bilíngüe, o exemplo auxilia na compreensão do significado e no uso da palavra, e que a sua ausência sobrecarregaria a definição do dicionário e o próprio usuário. Carballo e Platero (2003) concordam com a importância dos exemplos e argumentam que apresentar exemplos é o modo mais adequado de mostrar a gramática em seu contexto e que é um complemento imprescindível porque ajuda aos aprendizes a conhecerem as restrições de uso da língua.

Pérez (2000, p. 114) considera que os exemplos “[...] son necesarios para indicar el contexto de uso y especificar si hay algún matiz semántico”. Essa autora declara que, se consideramos o dicionário bilíngüe um dicionário de uso e aprendizagem, é importante que ele contenha uma parte sintagmática, ou seja, que o dicionário apresente exemplos de uso da palavra em diferentes contextos e a maior quantidade possível de combinações fixas e lexicalizadas com seu equivalente na língua de chegada. É importante que os aprendizes conheçam e saibam usar as expressões de uso freqüente para que possam adquirir, não somente a competência lingüística, mas também a competência comunicativa nessa língua. Pérez (2000) argumenta ainda que, no caso dos dicionários para produção, é imprescindível que cada acepção venha acompanhada de exemplos, que às vezes servem para ajudar na compreensão do significado, outras vezes para mostrar o comportamento sintático da palavra e também para ilustrar determinadas combinações léxicas freqüentes.

Os exemplos podem desempenhar diversas funções, na visão de Drysdale (1987 p. 215) elas são as seguintes:

- a. Complementar a informação contida na definição;
- b. Mostrar a palavra num contexto;
- c. Distinguir um significado de outro;
- d. Ilustrar padrões gramaticais;
- e. Mostrar outras colocações típicas;
- f. Indicar registros apropriados de níveis estilísticos.

Já Perez (2000) distingue duas funções para os exemplos:

- a. Função lingüística - Ilustrar as construções e combinações sintáticas mais usuais, além de definir com mais precisão o conteúdo dessa unidade;
- b. Função filológica – Porque o exemplo é um testemunho de uma unidade em uso e um testemunho cultural, pois carrega marcas históricas e ideológicas.

Em relação à elaboração de exemplos para um dicionário, o lexicógrafo se depara com algumas dificuldades. Afinal, o fornecimento de exemplos de maneira eficiente não é uma tarefa simples e pode acarretar em muitas armadilhas. Existem diversos critérios que podem ser adotados para a seleção dos exemplos em um dicionário.

Creamer (1987) apresenta quatro problemas em relação aos exemplos que devem ser observados no momento da elaboração e da disposição dos exemplos em um dicionário bilíngüe:

- a. A definição é muito limitada ou muito geral para o exemplo dado?
- b. O exemplo realmente exemplifica o uso da entrada?
- c. O exemplo ocupa o espaço ideal no dicionário ou estaria mais apropriado em outro lugar?
- d. Poderia um exemplo ajudar a clarear a definição e o uso da entrada?

Esse autor acredita que o principal propósito dos exemplos é demonstrar o uso de uma palavra em seu ambiente natural. Sinclair (1984, apud FOX, 1987) também considera que um dos principais critérios para a escolha dos exemplos é que eles sejam considerados representativos e naturais pelos falantes nativos da língua em questão. No entanto, o critério da “naturalidade” leva à discussão do que deve ou pode ser considerado natural na língua. Fox (1987, p. 139) afirma: “the whole question of what is natural in language is a very difficult one to answer. [...] Naturalness as a concept is difficult to define.”

Creamer (1987) argumenta também que nem todas as entradas necessitam de exemplos, que estes deveriam ser fornecidos apenas para as palavras mais complexas. Acrescenta que os exemplos devem ser selecionados com cautela e para um propósito definido. Fox (1987) também concorda que nem todas as palavras necessitam de exemplificação, mas esclarece que, às vezes, um exemplo pode não acrescentar nada ao sentido real da palavra, mas pode servir para exemplificar o uso. Pérez (2000) considera que os exemplos devem ser mencionados quando os dados fornecidos no artigo do dicionário não exemplificam de maneira suficiente o uso dessa unidade.

Ainda de acordo com Creamer (1987), os exemplos deveriam acrescentar informação à definição e não substituí-la. Esse autor observa que quando o exemplo simplesmente reafirma a informação fornecida pela definição, ele não está exemplificando o uso. O exemplo deve mostrar situações de uso real da língua. Quando ele é usado corretamente, pode mostrar os vários modos em que a palavra pode ser traduzida em um determinado contexto. Também pode indicar modificações típicas e ilustrar formas de uso.

Em relação às características dos exemplos, Pérez (2000) afirma que o exemplo deve ser compreensível para o usuário; que tem mais valor um exemplo real que um inventado; que ele deve ser breve, mas representativo; que não há necessidade de fornecer frases inteiras e

que eles devem oferecer características culturais e enciclopédicas quando se trata de duas culturas muito distantes entre si.

Um outro ponto que Fox (1987) discute em relação à seleção dos exemplos é que há uma leve tentação por parte dos lexicógrafos de escolher exemplos que sejam um pouco incomuns, por sentirem que esses são mais interessantes do que as palavras de uso cotidiano na língua. Ele acredita que os lexicógrafos devem evitar essa tendência.

Os exemplos podem ser selecionados a partir de um *corpus*, tanto de textos escritos quanto orais (exemplos autênticos), podem ser inventados pelo lexicógrafo ou ainda serem baseados em um *corpus*, mas adaptados pelo lexicógrafo. As opiniões dos lexicógrafos divergem sobre qual seria o método mais adequado.

Antes da primeira edição do *Collins COBUILD English Language Dictionary*⁸, publicado em 1987, praticamente todos os exemplos dos dicionários para aprendizes continham exemplos inventados, com a exceção de citações de revistas e jornais. O *COBUILD* introduziu uma inovação, pois usava exemplos tomados diretamente do *corpus*, o que levou outros dicionários a começarem a usar o *corpus* como base, embora não necessariamente como a fonte dos seus exemplos. (POTTER, 1998).

Binon e Verlinde (apud ALCÂNTARA, 2000) defendem a utilização de exemplos adaptados por acreditarem que dessa forma os contextos se tornam mais claros, mais prototípicos e menos efêmeros. Questionam também o termo “autêntico”, argumentando que a partir do momento em que um exemplo específico é retirado de seu contexto discursivo do *corpus*, ele deixa de ser completamente autêntico, pois as condições de recepção do texto serão diferentes. Drysdale (1987) também opta pelos exemplos adaptados. Esse autor argumenta que mesmo em uma grande base de dados é difícil encontrar exemplos que reúnam as condições necessárias para ilustrar os usos específicos, restrições e colocações e que

⁸ Collins COBUILD English Language Dictionary, 1 st edition (1987). Collins. London.

estejam no nível de compreensão do estudante. Por isso ele acredita que os exemplos adaptados refletem melhor o uso real da língua.

Diferente posição mantêm Laufer (1992) e Nesi (1996), que acreditam que os exemplos inventados são mais úteis do que os exemplos autênticos, porque através deles os lexicógrafos conseguem expressar informações lingüísticas específicas, que teriam dificuldade em encontrar em uma base de dados. Laufer (1992, p. 75) realizou um estudo que chegou às seguintes conclusões:

- a. Lexicographer's examples are more helpful in comprehension of new words than the authentic ones. In production of the new word, lexicographer's examples are also more helpful, but not significantly so;
- b. The usefulness of made up examples seems to be less dependent on the learner's general lexical knowledge than the usefulness of the authentic examples.

Berdet (1996) alerta para o fato de que, ao extrair o exemplo de um *corpus*, o lexicógrafo terá que escolher não somente o texto mas também o autor adequado a cada situação. Dessa forma o exemplo escolhido dependerá dos critérios ideológicos e da competência de cada lexicógrafo. Quanto aos exemplos inventados, ele observa que se os lexicógrafos têm competência suficiente para selecionar os exemplos adequados de um *corpus* e para definir o sentido das palavras no dicionário, também estará capacitado para criar os exemplos correspondentes a essas definições.

Há os que defendem os exemplos extraídos diretamente do *corpus* como a forma mais adequada de satisfazer as necessidades dos usuários dos dicionários. Dentre esses, pode-se mencionar Potter (1998). Essa autora argumenta que o *corpus* tem melhores condições de fornecer colocações, formas verbais e formas de uso real de uma palavra em uma determinada língua. Afirma que, por mais experiente que seja o lexicógrafo, ele não poderá produzir um exemplo prático e correto simplesmente baseado em sua intuição e introspecção. E conclui que somente o *corpus* pode apresentar a língua como ela realmente é falada e escrita, e que os aprendizes podem confiar na validade e na precisão da informação contida no exemplo dele

extraído. Pérez (2000, p. 114) também acredita que os exemplos sempre devem ser retirados de um *corpus*, principalmente no caso das unidades fraseológicas. Ela afirma que os corpora lingüísticos deveriam ser utilizados na seleção do material fraseológico porque estes “[...] son los únicos que reflejan el uso real y natural que se hace de estas expresiones”.

Outro defensor dos exemplos autênticos é Fox (1987). Ela fez parte da equipe que organizou os exemplos do COBUILD e informa que toda a informação fornecida por esse dicionário foi baseada em evidências derivadas da língua real. Ela argumenta que não faria sentido estudar a linguagem real para entender os fatos da língua e depois disso inventar exemplos para o dicionário. Ela afirma que a primeira e primordial necessidade por exemplos é *a typicality*, ou seja, a maneira segundo a qual as pessoas realmente usam a palavra que está sendo exemplificada. Portanto, os exemplos devem mostrar as palavras nos seus contextos mais usuais, nas suas mais freqüentes estruturas gramaticais e mostrar quais são as palavras que normalmente as acompanham nas sentenças. Essa autora argumenta que somente os exemplos extraídos de um *corpus* podem, de fato, representar a língua real, ou seja, mostrar como ela é realmente usada.

Há ainda outros autores, como Campos (1994), que acreditam que a polêmica em torno desse critério de seleção dos exemplos, (inventados, adaptados ou retirados exclusivamente de um *corpus*) não é uma questão fundamental. O que realmente importa é que os exemplos sejam representativos e consigam despertar o interesse e a curiosidade dos alunos incentivando-os a utilizar novas palavras.

Independentemente dos diferentes posicionamentos adotados por estes autores em relação aos critérios que devem ou não ser adotados para a seleção dos exemplos, todos eles estão de acordo em um ponto, que a presença dos exemplos é indispensável e fundamental num bom dicionário.

3.4 COLOCAÇÕES

As colocações têm papel fundamental no aprendizado de uma língua estrangeira. Por isso, é de grande importância que os dicionários disponibilizem esse tipo de informação a seus usuários, pois, através das colocações os usuários passam a conhecer quais as combinações de palavras que ocorrem com maior frequência, ou seja, como as palavras são de fato usadas na língua.

Leffa (2000) afirma que o vocabulário é um dos aspectos mais importantes no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira e que o léxico não é o único elemento da língua, mas é o que melhor a caracteriza e a distingue das outras. Este autor observa também que o significado que a palavra tem no dicionário não é o mesmo que ela adquire quando está na companhia de outras palavras no texto e que “[...] há um desprestígio da palavra como entidade independente, quando é vista e analisada à parte das outras. A palavra não pode andar sozinha [...]” (LEFFA, 2000, p. 21).

Há quase uma relação de interdependência entre a palavra e o texto. A palavra não é uma embalagem vazia de sentido, desprovida de conteúdo. Ao contrário, ela carrega consigo as experiências que recolheu de outros textos em que participou. O contexto, por sua vez, tem um papel importante no significado da palavra, mas ele não pode tirar dela o que ela não pode lhe dar, ele somente privilegia um dos seus possíveis traços semânticos. (LEFFA, 2000)

Daí a importância de se conhecer a distribuição das palavras no texto, de sua frequência relativa, de suas preferências e restrições colocacionais. Encontram-se na literatura diversas definições diferentes para as colocações. Zuluaga (2002, p. 13) as define como “[...] combinaciones de por lo menos dos lexemas en relación hipotáctica, fijadas (estabilizadas, consagradas, habitualizadas) por el uso lingüístico social; su estructura interna sintáctico-semántica y su combinabilidad como unidades compuestas siguen el sistema gramatical de la

lengua”. Campos (1994, p. 73) declara que poderíamos definir colocações como “[...] restricciones idiosincráticas (o idiomáticas) de combinación, o bien como grupos de palabras que frecuentemente se dan próximas en una lengua determinada”. Sánchez (1999, p. 1) as entende como “[...] relaciones léxicas desde el punto de vista sintagmático, pero no necesariamente relaciones semánticas; son asociadas de forma sintagmática, aprendidas y memorizadas”. Pastor (1996 apud GRUESO, 2006, p. 9) define colocações como:

[...]unidades fraseológicas formadas por dos unidades léxicas en relación sintáctica, que no constituyen, por si mismas, actos de habla ni enunciados; y que debido a su fijación en la norma, presentan restricciones de combinación establecidas por el uso, generalmente de base semántica.

No entendimento de Zuluaga (2002, p. 1), colocações são “[...] hipotactical lexeme combinations, which have become stable through repetitive use”. Segundo esse autor as colocações são perfeitamente compreensíveis, transparentes, para o falante que conheça cada um dos componentes, ou seja, elas não apresentam problemas especiais de compreensão, cada componente mantém o seu sentido individual. Sánchez (1999, p. 1) argumenta que “[...] lo verdaderamente importante para distinguir las colocaciones de otros fenómenos de combinación de palabras es que en ellas, la base o palabra clave mantiene su significado y goza de plena autonomía”. Ainda segundo Zuluaga (2002), essas combinações tornam-se estáveis através do uso repetido e podem ter um grau maior ou menor de fixação dos seus componentes léxicos, o que dependerá do uso lingüístico social. Esta fixação baseada somente no uso repetido é arbitrária: não existe nenhuma regra semântica que explique, por exemplo, porque dizemos *cometer un error* em vez de *hacer un error*. A estrutura interna sintático-semântica da colocação e sua combinação como unidade composta segue o sistema gramatical da língua. Portanto, pode-se dizer que, ao empregar as colocações, realizamos tanto o sistema lingüístico quanto a norma lingüística social.

Estas combinaciones se conocen y emplean como unidades compuestas, son de uso general, de dominio colectivo, son lugares comunes pues pertenecen a la comunidad y la expresan. Cada nuevo hablante las oye o lee una y otra vez, las entiende, las acepta y las reproduce en su actividad lingüística. Así, por ejemplo, para designar al indio americano, la combinación ‘raza vencida’, se ha impuesto (frente a otras combinaciones posibles, regulares, como ‘raza derrotada’) simplemente por el uso repetido a lo largo de siglos [...]. (ZULUAGA, 2002, p. 7)

Essas construções lingüísticas compostas, consagradas pelo uso social, são um fenômeno de transição entre as construções livres⁹ e as unidades fraseológicas¹⁰, mas não se identificam propriamente com nenhuma das duas classes. Ainda que apresentem características de regularidade semântica e sintática comuns com as construções livres, diferem destas por apresentarem algum grau de fixação, ou seja, a combinação entre os elementos léxicos não é totalmente livre, é limitada pelo uso lingüístico social. Essa é justamente a característica que as colocações têm em comum com as construções fraseológicas, ter algum grau de fixação. No entanto, enquanto estas não permitem a substituição de seus elementos, nas colocações há a possibilidade da substituição de um ou mais de seus componentes. Portanto, pode-se dizer que as colocações apresentam um grau de fixação maior do que as combinações livres, e menor do que as construções fraseológicas. (ZULUAGA, 2002)

Quanto à constituição das colocações, Sinclair (1991 apud WELKER, 2004, p. 140) considera “[...] o termo *nódulo* para a palavra que está sendo estudada, e o termo *colocado* para qualquer palavra que ocorra na vizinhança especificada de um *nódulo*”. Já Hausmann fez uma distinção diferente; para ele a colocação consiste em *base* e *colocado*, como menciona Campos (1994), a base de uma colocação está constituída pela palavra principal da mesma, aquela sobre a qual recai com maior força o conteúdo semântico e “colocado” são as palavras que acompanham a base. De acordo com Hausmann (1990 apud BEVILACQUA, 2004/2005,

⁹ São consideradas pelo autor como construções lingüísticas livres, sem nenhum grau de fixação, que possuem regularidade sintática e semântica própria das unidades da técnica do discurso livre.

¹⁰ São consideradas pelo autor como construções lingüísticas totalmente fixas, que não permitem modificação de acordo com as regras gerais semântico-sintáticas da língua.

p. 77), o significado de uma colocação “[...] não pode ser deduzido de forma independente por cada um dos elementos que a compõem, mas pelo conjunto desses elementos”, ao contrário do que defende Zuluaga (2002), como mencionado anteriormente. Welker (2004, p. 141) relata um outro ponto da visão de Hausmann em relação às colocações: “Hausmann e muitos outros que adotaram sua concepção de *colocação* entenderam que não é através de uma análise de frequência, mas com a competência do falante nativo [...] que se chega a tais combinações típicas”.

Sabe-se que, de um total de combinações de palavras possíveis, cada língua seleciona umas e descarta outras, e conhecer essas particularidades da língua não é uma tarefa fácil, como menciona Leffa (2000, p. 31), “saber exatamente que palavras podem acompanhar outras palavras é um dos aspectos mais difíceis na aquisição de vocabulário de uma língua, principalmente quando envolve os aspectos produtivos (escrita e fala)”.

Atualmente existem diversos *corpus* eletrônicos disponíveis, que facilitam a identificação das combinações de palavras mais frequentes que ocorrem em uma determinada língua. Leffa (2000, p. 15) reconhece a importância da informática e do enfoque contextual para o processo de aquisição ou aprendizagem lexical, e acredita que a questão da coocorrência, incluindo os conceitos de *colocação* ou *colocabilidade*, merece um destaque especial neste processo:

Os recursos atuais da informática, incluindo a indexação total de textos e a conseqüente facilidade na busca de palavras em contexto de uso, tornaram o vocabulário um dos aspectos mais importantes na aprendizagem da língua, tanto em L1 como L2. Este enfoque contextual – que considera as relações da palavra dentro do texto, incluindo suas restrições e preferências colocacionais – nada tem em comum com as abordagens descontextualizadas de outrora[...]

Campos (1994, p. 75) também reconhece a importância das colocações na aprendizagem do vocabulário:

Las colocaciones léxicas constituyen uno de los principales escollos a la hora de aprender vocabulario. Algunos especialistas han señalado que aprender una palabra no es una mera tarea memorística y que no consiste simplemente en unir un significado concreto a una determinada forma lingüística.

Também Beheydt (1987 apud CAMPOS, 1994) destaca que a informação colocacional é um fator de primeira ordem no momento de adquirir uma palavra de forma consciente e significativa e de acordo com Nation (1991 apud CAMPOS, 1994, p. 75) “[...] aprender una palabra implica tener alguna expectativa de las palabras que co-aparecen con ella”.

No entanto, os dicionários em geral, parecem não estar dando às colocações a importância que elas merecem. Campos (1994) informa que a presença de uma colocação nos dicionários, com frequência, parece mais ser fruto da casualidade do que de um rigor metodológico, principalmente nos casos em que uma colocação aparece por acaso num exemplo inventado, para ilustrar uma determinada acepção. O autor observa que os dicionários não apresentam uma regularidade de apresentação em relação às colocações e argumenta que um exemplo casual não revela a intenção consciente de oferecer uma lista significativa das colocações mais frequentes de uma determinada palavra. Ettinger (apud PÉREZ, 2000) acredita que os dicionários deveriam incluir mais colocações, pois dessa forma melhorariam consideravelmente a sua qualidade. Ele acrescenta ainda que essas combinações léxicas deveriam aparecer nos dicionários bilíngües, não só na língua de partida mas também na língua de chegada, para que o usuário dessa língua estrangeira possa realizar um uso lingüístico adequado dessas expressões. Pérez (2000, p. 73) confirma que a colocação é um “[...] tipo de unidad léxica cuya presencia es pertinente en el diccionario”. Ele acredita que um dicionário geral, seja monolíngüe ou bilíngüe deve registrar as colocações, que, segundo ele, são “[...] aquellas UFS¹¹ que equivalen a un elemento oracional que forman parte de la norma, debido a su frecuencia de uso” e argumenta:

¹¹ Unidades Fraseológicas. A unidade fraseológica é definida por Pérez (2000) como qualquer combinação estável de duas ou mais palavras que se caracterizam por seu grau de fixação e/ou idiomaticidade, cujo limite superior será o sintagma ou a oração composta segundo as distintas correntes.

[...]queda fuera de toda discusión que el diccionario debe registrar todo aquello que facilite e contribuya al desarrollo de la competencia comunicativa de sus usuarios. La presencia de las UFS en los repertorios lexicográficos es necesaria porque no solo son una muestra del pensamiento de esa comunidad hablante, sino porque nos permite situar la unidad léxica dentro de un contexto de uso así como conocer el conjunto de expresiones que forman parte de la lengua cotidiana. (PÉREZ, 2000, p. 85)

De acordo com Welker (2004), é essencial que o usuário que procura a ajuda do dicionário seja informado a respeito das palavras que combinam, das combinações que se usam habitualmente. Ele afirma que principalmente o estrangeiro é quem mais necessita dessa ajuda, mas que o falante nativo nem sempre se lembra ou tem conhecimento de todas as combinações usadas na sua língua. Defende que as colocações devem constar nos bons dicionários e informa que em função do problema de falta de espaço nos dicionários gerais, foram elaborados dicionários especialmente dedicados às colocações; Friederich 1982; BBI 1986; KFD 1989; Hill & Lewis 1997 e Pöll 2000.

3.5 EQUIVALENTE OU TRADUÇÃO

Conforme indicado por Svensén (1993, p.140), a tarefa do dicionário bilíngüe é “[...] to provide words and expressions in the source language with counterparts in the target language which are as near as possible, semantically and as regards style level (register).” Essas palavras e expressões, às quais se refere o autor, apresentadas pelos dicionários bilíngües e semibilíngües são, em termos lexicográficos, chamadas de equivalentes ou traduções. No entanto, ainda de acordo com Svensén (1993), uma equivalência completa deste tipo é bastante incomum de ocorrer entre duas línguas diferentes, da mesma forma como é bastante incomum encontrar dois sinônimos exatos em uma língua. Ele explica que essa dificuldade surge devido às diferenças que existem entre os diversos países aonde essas línguas são faladas, diferenças a nível histórico, geográfico, social, cultural e econômico.

Pérez (2000) afirma que a equivalência é o núcleo da informação microestrutural dos dicionários bilíngües. Essa autora se refere a duas funções do equivalente. A primeira seria a de ser o principal item que caracteriza os dicionários bilíngües e a segunda, fornecer informação ao usuário possibilitando a compreensão do lema. Ela considera que a função básica dos equivalentes no dicionário é a de ajudar na atividade de tradução, atividade que consiste em “[...] trasladar un concepto expresado por una unidad en la lengua de partida a otra unidad en la lengua de llegada”. (PÉREZ, 2000, p. 201)

No entanto, em muitos casos, o equivalente não é o suficiente para a compreensão dos diferentes significados e usos de uma unidade de uma língua. Nesses casos há a necessidade de complementação através de informação gramatical e pragmática. A informação gramatical permite a utilização da forma correta e efetiva de uma unidade da língua em um contexto lingüístico e a informação pragmática possibilita a utilização do equivalente de forma adequada na língua de chegada. (PÉREZ, 2000)

Essas informações sobre *equivalente* ou *tradução* finalizam a revisão bibliográfica, que possibilitou a fundamentação teórica necessária para a elaboração desse trabalho. A partir de agora será apresentada a segunda parte do trabalho, que trata da pesquisa prática realizada no *Diccionario Bilingüe de Uso Portugués-Español* (DiBU).

4 ANÁLISES DOS EXEMPLOS E IDENTIFICAÇÃO DE COLOCAÇÕES COM OS SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS PESQUISADOS.

Neste capítulo são descritos e analisados os dados coletados nas pesquisas realizadas no *site* de buscas *Google* e no *corpus da Folha de São Paulo*.

Num primeiro momento, a pesquisa foi realizada no *site* de buscas *Google*, visando identificar a ocorrência ou não dos exemplos e de trechos dos exemplos, fornecidos em português, pelo volume Português-Espanhol (vol.2), do DiBU para os seguintes substantivos: *atividade, brutalidade, cadastro, dúvida, empecilho, firmeza, garantia e hábito*; e para os seguintes adjetivos: *integral, judicial, liberal, marítimo(a), nefasto(a), observador(a), pacato(a) e químico(a)*. Esses substantivos e adjetivos foram selecionados de maneira aleatória. Primeiro foi selecionado um substantivo que começa com a letra “a”, outro com a letra “b” e assim sucessivamente, seguindo a ordem alfabética, até a letra “h”, a partir daí foram selecionados os adjetivos, seguindo o mesmo critério usado para a escolha dos substantivos, ou seja, começando com a letra “i” e seguindo a ordem alfabética até a letra “q”. Optou-se por excluir a letra “k”, já que o dicionário apresenta somente 10 entradas, contendo a maioria delas palavras de origem estrangeira ou símbolos.

Essa busca teve como objetivo constatar se os exemplos que o DiBU apresenta para os mencionados substantivos e adjetivos, refletem de fato o uso da língua portuguesa, ou seja, caso os trechos dos exemplos sejam encontrados no *site* de buscas *Google*, pode-se presumir que eles de fato são usados na língua portuguesa.

Como os exemplos do DiBU foram baseados tanto em textos escritos quanto na linguagem oral, às vezes, o fato de trechos dos exemplos não constarem no *site* de buscas *Google* ou apresentarem poucas ocorrências, não necessariamente quer dizer que não ocorram na língua. Por isso as análises e conclusões foram realizadas também com base na minha experiência como falante da língua portuguesa.

O segundo passo da pesquisa foi identificar no *corpus da Folha de São Paulo* as palavras que geralmente acompanham os substantivos e os adjetivos pesquisados com maior frequência, ou seja, as colocações.

O termo *colocação* é utilizado nessa pesquisa de acordo com a definição de Zuluaga (2002, p. 1): “collocations are hipotactical lexeme combinations, which have become stable through repetitive use”. E também foram consideradas as características das colocações mencionadas por Zuluaga (2002, p. 6): “las colocaciones son perfectamente entendibles, transparentes, para el hablante que conozca cada uno de los componentes; en otras palabras, las colocaciones no presentan problemas especiales de descodificación, pueden analizarse”.

No caso dos substantivos, as colocações compostas com verbos não são apresentadas, com exceção dos substantivos *atividade* e *dúvida*, cujas colocações compostas com verbos estão descritas nos apêndices A e B, respectivamente. Na verdade não são apresentadas somente as colocações, mas todos os trechos encontrados no *corpus* em que os diferentes verbos aparecem acompanhando os substantivos *atividade* e *dúvida*, mesmo quando há somente uma ocorrência.

No caso dos outros substantivos optou-se por relacionar quais os verbos mais utilizados na língua portuguesa com esses substantivos, independente do tempo, modo ou pessoa em que aparecem no *corpus da Folha de São Paulo*, ou seja, foram incluídas todas as formas em que aparecem no *corpus*, e apresentadas nesse trabalho, de forma genérica, no infinitivo. Essa busca foi realizada porque acredito que, para que o exemplo de um substantivo reflita de fato o uso real em uma determinada língua, é importante que sejam utilizados nos exemplos os verbos que geralmente acompanham este substantivo, e uma boa alternativa seria buscar essas informações em um *corpus*.

No caso dos adjetivos, são apresentadas as colocações compostas principalmente por substantivos. O objetivo da pesquisa realizada no *corpus da Folha de São Paulo* é sugerir

colocações e verbos que poderiam ser utilizados em exemplos nos dicionários para os substantivos e adjetivos analisados nesse trabalho, para que esses exemplos possam de fato representar a língua portuguesa como ela é usada.

Cabe destacar que as análises e conclusões mencionadas nesse trabalho, se referem ao uso da língua portuguesa no Brasil, sem levar em consideração em que estados ou regiões são usadas determinadas palavras ou expressões.

4.1 SUBSTANTIVOS

Nessa seção são analisados os exemplos e identificadas as combinações de palavras com os substantivos selecionados. A primeira entrada analisada é a do substantivo *atividade*, que oferece três acepções. Para a primeira acepção são apresentadas as seguintes traduções: *actividad, acción*. O exemplo apresentado para essa acepção é: *Não gosto de muita atividade de manhã cedo*. O quadro a seguir mostra o número de ocorrências de alguns trechos do exemplo encontrados no *site* de buscas *Google*.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no Google
“muita atividade”	16.700
“atividade de manhã”	15
“atividade de manhã cedo”	0
“muita atividade de manhã”	0
“gosto de muita atividade”	0

Quadro 1 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira acepção do substantivo *atividade*.

O trecho “atividade de manhã” apresentou 15 ocorrências. Foi pesquisado também “atividade *pela* manhã”, opção que não foi apresentada pelo DiBU, e o número de ocorrências aumentou para 24, do que se pode presumir que talvez essa parte do exemplo não tenha sido

escolhida apropriadamente. O exemplo apresenta a combinação “muita atividade” que aparece no *Google* 16.700 vezes, porém, como “muito” é um advérbio que aparece com muita frequência acompanhando qualquer substantivo, essas ocorrências não contribuem para confirmar a representatividade desse exemplo. Os trechos “atividade de manhã cedo”, “muita atividade de manhã” e “gosto de muita atividade” não apresentaram nenhuma ocorrência. Por conta de todos estes dados obtidos pode-se presumir que este exemplo não é representativo.

As traduções apresentadas para a segunda acepção são: *actividad, trabajo, tarea, ejercicio*. Para essa acepção foram apresentados dois exemplos. O primeiro deles é: *O professor preparou várias atividades para seus alunos*. Segue abaixo o número de ocorrências encontradas no *site* de buscas *Google* para alguns trechos desse exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“várias atividades”	356.000
“preparou várias atividades”	35
“várias atividades para seus alunos”	0
“várias atividades para os alunos”	5
“o professor preparou várias atividades”	0

Quadro 2 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para a segunda acepção do substantivo *atividade*.

Esse exemplo apresentou uma colocação com um grande número de ocorrências: “várias atividades” (356.000), o trecho “preparou várias atividades” aparece 35 vezes, e “várias atividades para os alunos”, 5 vezes. Por meio desses dados se pode concluir que o exemplo é representativo.

O outro exemplo apresentado para a segunda acepção é: *a atividade física é importante para a saúde do corpo*. O quadro abaixo mostra os números encontrados para dois trechos desse exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“atividade física”	1.160.000
“a atividade física é importante”	70

Quadro 3 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para a segunda acepção do substantivo *atividade*.

A primeira parte do exemplo: “a atividade física é importante” parece apropriada, de acordo com o número de ocorrências encontradas no *Google*, mas acredito que o exemplo, na íntegra, é inapropriado, pois é pouco provável que essa frase seja dita ou escrita por alguém, por ser demasiadamente óbvia.

Para a terceira acepção do substantivo *atividade* foram apresentadas as seguintes traduções: *actividad, ocupación, profesión* e o exemplo mencionado é: *qual é a sua atividade profissional?* Abaixo seguem os dados encontrados no *Google* com relação a esse exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“atividade profissional”	423.000
“sua atividade profissional”	71.100
“Qual é a sua atividade profissional?”	14

Quadro 4 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a terceira acepção do substantivo *atividade*.

Esse é o único exemplo que aparece na íntegra na pesquisa, com 14 ocorrências. O trecho “sua atividade profissional” e a colocação “atividade profissional” apresentam número bastante expressivo de ocorrências, o que confirma que provavelmente esse exemplo reflete o uso real da língua portuguesa.

Na segunda etapa da pesquisa, conforme já mencionado anteriormente, foram pesquisadas no *corpus da Folha de São Paulo* as colocações nas quais aparece com maior frequência o substantivo *atividade*. As colocações que apareceram em maior número em ordem decrescente foram: “nível de atividade” (379), “em plena atividade” (31) e “principal atividade” (25). Portanto, acredito que essas colocações poderiam fazer parte dos exemplos

fornecidos pelos dicionários para o substantivo *atividade*, porque, dessa forma, refletiriam o uso real da língua portuguesa.

Em relação aos verbos que acompanham o substantivo *atividade*, de acordo com o *corpus da Folha de São Paulo*, os que aparecem com maior frequência são: “exercer”, com 43 ocorrências e “estimular”, com 28 ocorrências. Além desses, aparecem no *corpus* outros 7 verbos com 1 ou 2 ocorrências. As ocorrências encontradas estão apresentadas no apêndice A. O verbo “gostar” e “preparar”, mencionados nos exemplos do DiBU não aparecem nos textos do *corpus da Folha de São Paulo* acompanhando o substantivo *atividade*. Reafirmo que, no momento da escolha do exemplo, deveriam ser levados em consideração os verbos que geralmente acompanham o substantivo da entrada em questão e a pesquisa em um *corpus* ajuda a identificar quais são esses verbos.

A segunda entrada pesquisada foi a do substantivo *brutalidade*. O DiBU apresenta a tradução *brutalidad*, com o seguinte exemplo: *o crime foi cometido com uma brutalidade espantosa*. O quadro abaixo mostra as ocorrências encontradas no *Google* de partes desse exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“brutalidade espantosa”	3
“uma brutalidade espantosa”	2
“com uma brutalidade espantosa”	1
“cometido com uma brutalidade espantosa”	0
“crime” “brutalidade”	89.200

Quadro 5 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o substantivo *brutalidade*.

O *Google* confirmou que as palavras “crime” e “brutalidade” pertencem à mesma esfera semântica, elas aparecem no mesmo texto 89.200 vezes. Neste sentido o exemplo foi escolhido de forma coerente, no entanto, os trechos do exemplo pesquisados no quadro acima apresentam número de ocorrências muito baixo, o que me faz pensar que talvez o exemplo

não tenha sido muito bem selecionado, seria melhor se tivesse uma colocação com alto número de frequência, dessa forma refletiria com mais acerto o uso real da língua portuguesa.

Como sugestões de colocações que poderiam ser incluídas em exemplos para a palavra brutalidade, se pode mencionar: “brutalidade policial” e “certa brutalidade”. Essas colocações foram encontradas no *corpus da Folha de São Paulo*, a primeira 10 e a segunda 3 vezes.

Quanto aos verbos que geralmente acompanham o substantivo *brutalidade*, de acordo com o *corpus* consultado, são: verbo “ser”, “mostrar” e “aceitar”, com 14, 3 e 2 ocorrências, respectivamente. Portanto, seria interessante se esses verbos fossem utilizados para exemplificar o substantivo *brutalidade*. Por exemplo: o trecho “é uma brutalidade” aparece no *Google* 1.280 vezes, “foi uma brutalidade”, 622 vezes (ambos com o verbo ser), enquanto “cometer uma brutalidade”, que foi o verbo usado no exemplo mencionado pelo DiBU, aparece 24 vezes, e “cometeu uma brutalidade”, apenas 3 vezes. Não quer dizer que o verbo “cometer” não possa ser utilizado no exemplo, mas se fosse mencionado o verbo “ser”, por exemplo, refletiria a maneira mais comum de como a palavra *brutalidade* é usada na língua portuguesa.

A terceira entrada pesquisada foi a do substantivo *cadastro* que apresenta as seguintes traduções: *registro, directorio, catastro*. E o exemplo citado é: *mantemos um cadastro de todos os nossos clientes*. Seguem os números encontrados na pesquisa *Google*:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“mantemos um cadastro”	27
“manter um cadastro”	13.100
“mantém um cadastro”	353
“mantemos um cadastro de todos”	0
“cadastro de clientes”	390.000
“cadastro dos nossos clientes”	0

Quadro 6 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o substantivo *cadastro*.

Como se pode ver no quadro acima, “mantemos um cadastro” aparece 27 vezes. Foi pesquisado também o verbo “manter” no modo infinitivo e em outras pessoas diferentes da pessoa mencionada no exemplo (1ª p.pl.), e foi encontrado um número bastante significativo de ocorrências, do que se pode concluir que o verbo escolhido para o exemplo foi bem selecionado. O trecho “cadastro dos nossos clientes” não aparece nenhuma vez no *site* de buscas *Google*, no entanto, a colocação “cadastro de clientes” tem 390.000 ocorrências. De acordo com os números de ocorrências encontrados e analisando o exemplo de forma mais ampla, tendo como base minha experiência como falante da língua portuguesa, acredito que o exemplo foi bem selecionado. Talvez esse exemplo, da maneira como está apresentado, não seja muito comum na linguagem escrita, mas poderia ser natural na linguagem oral.

Quanto às colocações mais encontradas no *corpus da Folha de São Paulo* com o substantivo *cadastro*, se pode citar: “cadastro de (dos) clientes”, com 14 ocorrências; “cadastro de (dos) devedores”, com 11; “cadastro atualizado”, “atualização do cadastro” e “inscrição no cadastro”, com 9; “cadastro do governo” e “cadastro de (dos) contribuintes”, com 8. Além dessas, se pode mencionar ainda outras menos frequentes: “cadastro de (com) informações” (7), “cadastro das empresas” (6), “cadastro centralizado” (5), “ficha de cadastro” (5), “cadastro de imóveis” (4), “cadastro de mala direta” (3), “cadastro da instituição” (3), “cadastro de mutuários” (3) e “cadastro de (dos) pacientes” (3).

Em relação aos verbos, o que aparece mais vezes no *corpus da Folha de São Paulo* acompanhando o substantivo *cadastro* é o verbo “ter” (30). O segundo mais frequente é o verbo “constar” (17), seguido de “fazer” (14). Esses seriam os mais indicados para exemplificar o substantivo *cadastro*. Além desses, poderiam ser aproveitados outros verbos como “criar” (12), “incluir” (11) ou “preencher” (10).

Outros verbos aparecem no *corpus da Folha de São Paulo* por 6, 7 ou 8 vezes: organizar, manter (verbo utilizado no exemplo apresentado pelo DiBU), inscrever, excluir,

entrar e consultar; com 3, 4 ou 5 ocorrências: providenciar, possuir, estar, elaborar, atualizar e aparecer e com 1 ou 2 ocorrências: abrir, agilizar, anunciar, aprovar, instituir, trazer, elaborar, haver, realizar e renovar.

O próximo substantivo pesquisado foi *dúvida*. Tradução: *duda*. O DiBU apresenta dois exemplos. O primeiro é: *no final da aula, o professor perguntou se alguém tinha alguma dúvida*. O quadro abaixo mostra o resultado das buscas realizadas para esse exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“alguma dúvida”	1.050.000
“tinha alguma dúvida”	9.440
“alguém tinha alguma dúvida”	173
“se alguém tinha alguma dúvida”	91
“perguntou se alguém tinha alguma dúvida”	3
“o professor perguntou se alguém tinha alguma dúvida”	1

Quadro 7 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o substantivo *dúvida*.

De acordo com os números de ocorrências encontrados para os trechos do exemplo pesquisado, se pode pensar que esse exemplo reflete de fato o uso real da língua portuguesa. Ele tem uma colocação muitíssimo utilizada que é “alguma dúvida”. O verbo “ter” também foi muito bem escolhido, formando uma colocação com o substantivo *dúvida*: “tinha alguma dúvida”, também com muitas ocorrências no *site* de buscas *Google*, (9.440). Como se pode ver no quadro acima, outros trechos mais longos do exemplo também apresentaram ocorrências.

O segundo exemplo escolhido para o substantivo *dúvida* foi: *Clara ficou em dúvida: não sabia se comprava o vestido vermelho ou o azul*.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“ficou em dúvida”	9.190
“ficar em dúvida”	12.200
“não sabia se comprava”	17
“o vestido vermelho ou o azul”	0

Quadro 8 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para o substantivo *dúvida*.

O verbo selecionado para acompanhar o substantivo *dúvida* foi bem escolhido, como mostra o quadro acima, a colocação “ficou em dúvida” aparece 9.190 ocorrências no *site* de buscas *Google*. Quanto à segunda parte do exemplo, acredito que poderia ter sido melhor elaborado. O trecho “não sabia se comprava” ainda pode se considerado razoável por apresentar 17 ocorrências, mas o trecho “o vestido vermelho ou o azul” não apresenta nenhuma ocorrência, portanto, provavelmente não é muito representativo da língua portuguesa.

As colocações mais frequentes encontradas com a palavra *dúvida*, de acordo com o *corpus da Folha de São Paulo* são: “sem dúvida alguma” (8), “nenhuma dúvida” (6), “alguma dúvida” (5), “benefício da dúvida” (5) e “em caso de dúvida” (5). A colocação “alguma dúvida” foi mencionada no primeiro exemplo apresentado pelo DiBU.

Os verbos que geralmente acompanham o substantivo *dúvida*, ainda conforme o *corpus da Folha de São Paulo* são: verbo “haver” (364 ocorrências) e o verbo “ter” (211 ocorrências). O verbo “ter” também foi mencionado no primeiro exemplo do DiBU, o que vem confirmar a boa escolha do exemplo. Aparecem também vários outros verbos com número bastante inferior de ocorrências, que também poderiam ser aproveitados para exemplificar a palavra *dúvida*. Essa busca está representada detalhadamente no apêndice B.

Outra entrada analisada foi a do substantivo *empecilho*. O dicionário apresenta dois exemplos para uma única acepção. As traduções apresentadas são: *inconveniente*, *impedimento*, *obstáculo*, *óbice*.

Primeiro exemplo: *não vejo empecilhos em mudar a data de nossa reunião.*

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“vejo empecilhos”	28
“vejo empecilho”	100
“não vejo empecilhos”	10
“não vejo empecilho”	33
“não vejo nenhum empecilho”	15

Quadro 9 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o substantivo *empecilho*.

Esse exemplo não é encontrado no *Google* provavelmente porque é um período mais característico da linguagem oral e dificilmente seria encontrado num texto escrito. Apenas faria a ressalva de que esse substantivo geralmente é usado no singular, como confirmam os números encontrados na pesquisa, os trechos no singular apresentam maior número de ocorrências. Na verdade, o mais usual na linguagem oral é, na minha opinião, “não vejo nenhum empecilho”, que aparece 15 vezes no *Google*, o que não invalida o exemplo apresentado pelo dicionário. Achei o exemplo interessante porque o contexto da frase ajuda a compreender o significado da palavra-chave em questão.

Segundo exemplo: *a empresa não colocou nenhum empecilho para admitir o estagiário.*

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“nenhum empecilho”	9.550
“colocou nenhum empecilho”	4
“nenhum empecilho para admitir”	0

Quadro 10 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para o substantivo *empecilho*.

Penso que esse exemplo também ajuda a compreender o significado da palavra *empecilho* e ele contém uma colocação bastante freqüente, “nenhum empecilho”, com 9.550 ocorrências. Também diria que é um bom exemplo para refletir a língua portuguesa falada.

Foram encontradas algumas colocações no *corpus da Folha de São Paulo* que podem ser sugeridas para integrar um exemplo para o substantivo *empecilho*. São as que seguem, em ordem decrescente de frequência: “principal empecilho” (11), “o maior empecilho” (10), “único empecilho” (9), “outro empecilho” (5), “como um empecilho” (5), “novo empecilho” (4), e “nenhum empecilho” (4). Esse último foi utilizado no segundo exemplo apresentado pelo DiBU.

Na grande maioria das vezes em que aparece o substantivo *empecilho* no *corpus da Folha de São Paulo*, ele está acompanhado pelo verbo “ser”, 45 vezes. O segundo verbo que mais aparece no *corpus* é o verbo “haver”, 7 vezes, e em terceiro lugar o verbo “ver”(verbo mencionado no primeiro exemplo do DiBU), 4 vezes.

Aparecem ainda, por 3 vezes, os seguintes verbos: permanecer, apontar, tornar-se e constituir. E com 1 ou 2 ocorrências os seguintes verbos: solucionar, surgir, considerar, servir, fugir, vencer, representar, colocar (verbo mencionado no segundo exemplo do DiBU), transformar-se, apresentar, superar, ter, aparecer, criar, enfrentar e encontrar.

Outro substantivo pesquisado foi *firmeza*. O DiBU apresenta três acepções para essa palavra. Para a primeira acepção são apresentadas as seguintes traduções: *firmeza*, *estabilidad*, *seguridad*. E o exemplo para essa acepção é o que segue: *a firmeza da base evita problemas posteriores*.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“a firmeza da base”	2

Quadro 11 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira acepção do substantivo *firmeza*.

O trecho pesquisado acima apresenta somente 2 ocorrências no *Google* e como falante da língua portuguesa não reconheço essa expressão como usual, portanto, creio que esse exemplo poderia ser mais representativo.

Para a segunda acepção do substantivo *firmeza* são apresentadas as seguintes traduções: *firmeza, constancia, rigor*. E o exemplo escolhido foi: *eu admiro sua firmeza de opiniões*. Segue abaixo as ocorrências encontradas para dois trechos desse exemplo:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“admiro sua firmeza”	2
“admiro a firmeza”	7
“firmeza de opiniões”	29

Quadro 12 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda acepção do substantivo *firmeza*.

Ainda que tenham aparecido algumas ocorrências para o trecho “firmeza de opiniões”, acho que esse exemplo poderia ter sido melhor escolhido. Como se vê no quadro acima, os trechos “admiro sua firmeza” e “admiro a firmeza” aparecem pouquíssimas vezes, o que confirma que a escolha do verbo “admirar” não foi muito acertada. Também não reconheço “firmeza de opiniões” como muito usado na linguagem oral.

Para a terceira acepção são mencionados dois exemplos e as traduções apresentadas são: *firmeza, determinación*. O primeiro exemplo é: *é preciso ter firmeza na hora do debate*. Seguem as ocorrências encontradas:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“ter firmeza”	364
“é preciso ter firmeza”	33
“é preciso ter firmeza na hora”	0
“ter firmeza na hora”	4

Quadro 13 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para a terceira acepção do substantivo *firmeza*.

Neste caso, a quantidade de ocorrências dos trechos do exemplo identificados no *Google*, confirma que o exemplo em questão reflete de fato o uso real da língua portuguesa. A escolha do verbo “ter” foi bastante apropriada.

O segundo exemplo mencionado é: *não senti firmeza nas suas palavras, meu amigo.*

Seguem os dados encontrados no *site* de buscas:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“não senti firmeza”	1.010
“senti firmeza nas suas palavras”	2

Quadro 14 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para a terceira acepção do substantivo *firmeza*.

Como se pode observar no quadro, a colocação “não senti firmeza” aparece 1.010 vezes, número bastante considerável. Já “senti firmeza nas suas palavras” aparece somente 2 vezes, mas, apesar desse baixo número, considero que esta oração mencionada no exemplo reflete o uso da língua portuguesa falada. Por isso considero o exemplo apropriado.

Várias colocações poderiam ser sugeridas para serem mencionadas nos exemplos dos dicionários para a palavra *firmeza*. A seguir serão relatadas, em ordem decrescente de número de ocorrência, as que foram identificadas no *corpus da Folha de São Paulo*: “muita firmeza” (10), “falta de firmeza” (7), “firmeza do(s) governo(s)” (6), “com mais firmeza” (5), “com maior firmeza” (4), “firmeza suficiente” (4), “firmeza e determinação” (3) e “firmeza de caráter” (3).

Reafirmo a necessidade dos exemplos refletirem o uso real da língua, por isso é importante que os verbos escolhidos sejam muito utilizados pelos falantes da língua, daí a importância de se consultar um *corpus*. Os verbos mais encontrados no *corpus da Folha de São Paulo* acompanhando o substantivo *firmeza* foram os que seguem: ter (16), faltar (9), agir (8), demonstrar (6) e mostrar (6).

Outros verbos foram encontrados com 3 ou 4 ocorrências: sentir (sentido figurado) e sentir (sentido literal – foi utilizado no exemplo do DiBU) , atuar, mostrar, dar, exigir e transmitir. E outros 40 verbos com 1 ou 2 ocorrências: acreditar, aderir, apoiar, captar, apostar, ater-se, avançar, caminhar, cobrar, conferir, combater, duvidar, decidir, defender,

proporcionar, ficar, ser, perceber, pedir, prosseguir, reagir, responder, inspirar, testar, tirar, apresentar, encaminhar, enfrentar, estabelecer, pedir, executar, exercer, esperar, manifestar, manter, tratar, ver, reger, revelar e segurar.

Os próximos exemplos a serem examinados são os do substantivo *garantia*. O DiBU apresenta quatro acepções para esse substantivo. *Garantia* é a tradução apresentada para a primeira acepção. O exemplo mencionado para essa acepção é: *não consegui nenhuma garantia de que receberia o dinheiro que me deviam*. Estão representadas no quadro abaixo as ocorrências encontradas no *Google* para alguns trechos desse exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“nenhuma garantia”	160.000
“não consegui nenhuma garantia”	0
“garantia de que receberia”	12
“garantia de que receberia o dinheiro”	1

Quadro 15 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira acepção do substantivo *garantia*.

A colocação “nenhuma garantia” apresenta um grande número de ocorrências. O trecho “garantia de que receberia”, embora não tenha um grande número de ocorrências, é também utilizado na língua portuguesa. O trecho “garantia de que receberia o dinheiro” aparece uma vez. Desta forma pode-se concluir que o exemplo apresentado é razoável.

Para a segunda acepção são apresentadas as seguintes traduções: *garantía*, *certificado de garantia*. O exemplo mencionado é: *esse equipamento vem com garantia de fábrica*. Seguem os números encontrados em relação a esse exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“garantia de fábrica”	74.100
“com garantia de fábrica”	14.300
“vem com garantia de fábrica”	21

“equipamento vem com garantia de fábrica”	0
“equipamento” “garantia”	1.640.000

Quadro 16 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda acepção do substantivo *garantia*.

Esse exemplo, assim como o anterior, também contém duas colocações com um número de ocorrências bastante elevado no *Google*: “garantia de fábrica” (74.100) e “com garantia de fábrica” (14.300). O trecho “vem com garantia de fábrica” aparece 21 vezes. De acordo com esses dados concluo que esse também é um exemplo que realmente reflete o uso da língua portuguesa. Além dos dados acima mencionados, os substantivos “equipamento” e “garantia” aparecem no mesmo texto 1.640.000 vezes, confirmando que foi adequado selecioná-los para o exemplo.

As traduções apresentadas pelo DiBU para a terceira acepção do substantivo *garantia* são: *garantía, periodo de garantia*. E o exemplo mencionado é: *esse televisor ainda está na garantia*. Seguem os dados encontrados.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“está na garantia”	22.200
“ainda está na garantia”	879
“televisor ainda está na garantia”	0
“TV ainda está na garantia”	1
“o produto ainda está na garantia”	22
“o equipamento ainda está na garantia”	2
“o HD ainda está na garantia”	2
“micro ainda está na garantia”	4

Quadro 17 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a terceira acepção do substantivo *garantia*.

A escolha do verbo que acompanha o substantivo *garantia* parece apropriada, pois “está na garantia” aparece 22.200, como mostra o quadro acima. O trecho “ainda está na garantia” também aparece bastante, 879 vezes. Esses dados dão credibilidade ao exemplo. Porém, a palavra “televisor” poderia ser substituída por outra, pois o trecho “televisor ainda

está na garantia” não apresentou nenhuma ocorrência. Substituir “televisor” por “TV”, faria pouca diferença, pois há somente uma ocorrência. Mas, se fosse substituído por “produto”, seria mais representativo do uso da língua portuguesa, pois aparece 22 vezes. Qualquer um dos outros substantivos pesquisados (equipamento, HD ou micro), apresentam um número maior de ocorrências do que o mencionado no exemplo. Portanto, diria que o exemplo é apropriado, apenas com uma ressalva para o substantivo “televisor”, que poderia ter sido substituído por outro que fosse mais utilizado na língua portuguesa.

O DiBU apresenta ainda uma quarta acepção para o substantivo *garantia*. Para essa acepção menciona as seguintes traduções: *garantías, derechos*. O exemplo é o seguinte: *aos presos políticos são em geral negadas todas as garantias*.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“negadas todas as garantias”	1
“negadas as garantias”	3
“todas as garantias”	142.000
“presos políticos”	2.010.000
“todas as garantias” “presos políticos”	73

Quadro 18 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a quarta acepção do substantivo *garantia*.

O *site* de buscas *Google* confirma que as colocações “todas as garantias” e “presos políticos” costumam aparecer no mesmo texto (73 ocorrências), o que dá respaldo ao exemplo e o torna válido, ainda que os trechos “negadas todas as garantias” e “negadas as garantias” apareçam com pouca frequência na pesquisa. Como se pode observar no quadro, as duas colocações mencionadas anteriormente apresentam um número muito grande de ocorrências, “todas as garantias”, 142.000 vezes e “presos políticos”, 2.010.000, números que ajudam a confirmar a boa escolha do exemplo.

Da mesma forma como foi feito com os outros substantivos pesquisados, foi realizada uma busca no *corpus da Folha de São Paulo*, com o propósito de identificar quais

são as colocações mais usadas com a palavra *garantia*. As mais encontradas foram as que seguem: “seguro-garantia” (61), “garantia de (do, no) emprego” (41), “garantia de (aos, dos, a) depósito (s)” (36) e “garantia do (de, dos) empréstimo (s)” (26).

Outras colocações foram identificadas com frequência de 15 a 20 vezes: “garantia de (da) qualidade”, “como garantia de pagamento”, “dado (s, as) em (como) garantia”, “qualquer garantia” e “garantia constitucional”. De 10 a 14 vezes aparecem: “garantia de cheques”, “garantia de crédito(s)”, “garantia do (de, dos) direito(s)”, “garantia do governo”, “nenhuma garantia”, “certificado de garantia”, “limite de garantia” e “prazo de garantia”. De 4 a 9 vezes: “garantia bancária”, “garantia individual”, “garantia legal”, “garantia mínima”, “garantia oficial”, “garantia real”, “garantia de (do) acesso”, “como garantia a (sua) arrecadação futura”, “garantia de (da) continuidade”, “garantia de (da) estabilidade”, “garantia de (do) fornecimento”, “garantia de investimentos”, “garantia de (da) lei”, “garantia de (da) liberdade”, “garantia de (da) manutenção”, “garantia do produto”, “garantia de renda mínima”, “garantia de (da) reposição”, “garantia de (do) sigilo”, “garantia de (da) sobrevivência”, “garantia de sucesso”, “garantia de vida”, “a única garantia”, “sem qualquer garantia”, “a melhor garantia”, “a maior garantia”, “alguma garantia”, “cobertos (as, a) pela garantia”, “fora de (da) garantia”, “modalidade (s) de garantia”, “termo(s) de garantia” e “término da garantia”. Todas essas colocações poderiam ser incluídas em um exemplo para o substantivo *garantia*, pois elas representam o uso real dessa palavra na língua portuguesa.

Como o substantivo *garantia* aparece no plural no exemplo apresentado pelo DiBU para a quarta acepção, foi pesquisado também quais as colocações que aparecem no *corpus da Folha de São Paulo* com este substantivo no plural.

Seguem as colocações mais encontradas: “direitos e garantias” (86), “garantias individuais” (69), “garantias reais” (42), “garantias constitucionais” (41), “garantias oferecidas” (23) e “garantias de segurança” (22). Colocações que aparecem de 10 a 19 vezes:

“garantias dadas ao(s)”, “pelo (a, os, as) garantias exigidas”, “garantias fundamentais”, “garantias necessárias”, “garantias sociais”, “garantias suficientes”, “garantias de pagamento”, “todas as garantias” (colocação mencionada no *DiBU* para a quarta acepção do substantivo *garantia*) e “falta de garantias”.

Outras ainda aparecem de 4 a 9 vezes: “garantias adicionais”, “garantias apresentadas”, “garantias contratuais”, “garantias financeiras”, “garantias insuficientes”, “garantias jurídicas”, “garantias legais”, “garantias previstas”, “garantias trabalhistas”, “garantias de vida”, “garantias para negociar”, “garantias a oferecer”, “garantias para obter”, “garantias e obrigações”, “garantias do governo”, “garantias da dívida”, “garantias de crédito”, “devidas garantias”, “uma das garantias” e “série de garantias”.

Também foi pesquisado no *corpus da Folha de São Paulo* quais os verbos que geralmente acompanham o substantivo *garantia*, no singular e no plural. Primeiramente serão mostrados os verbos que geralmente acompanham este substantivo no singular: ter (112), dar (89), ser (85), oferecer (25), receber (15), servir (13), querer (12), haver (11) e exigir (10). Aparecem de 5 a 9 vezes: existir, manter, obter, perder, usar, retirar, precisar, cobrir e aceitar. De 1 a 4 vezes: afetar, apresentar, conseguir, considerar, constituir, depositar, discutir, exibir, pedir, possuir, prestar, trazer, lutar, invocar, integrar, implicar, honrar, gozar, gostar, violar, utilizar, transformar, traduzir, suprimir, obter, representar, rejeitar, questionar, possibilitar, imprimir, impossibilitar, ganhar, fornecer, ferir, estender, estar, estabelecer, encontrar, eliminar, dispor, determinar, depositar, deixar, defender, continuar, contar, constituir, conferir, concretizar, conceder, comprometer, complementar, cobrar, bancar, avaliar, aumentar, assegurar, arrumar e apresentar.

Seguem os verbos que aparecem no *corpus da Folha de São Paulo* acompanhando o substantivo *garantia* no plural: dar (106), ter (58), exigir (53), oferecer (43), haver (41), querer (27), pedir (24), apresentar (21) e ser (20). Com 6 a 11 ocorrências aparecem os

seguintes verbos: depositar, existir, fornecer, incluir, obter, receber e aceitar. De 1 a 5: adotar, analisar, antecipar, assegurar, aumentar, buscar, conseguir, considerar, cortar, criar, encontrar, esperar, estabelecer, restaurar, retirar, transformar, suspender, substituir, resgatar, representar, repassar, reforçar, manter, ficar, executar, dispor, diminuir, depender, definir, contar, confiar, colocar, certificar, cercar, avaliar, aproveitar, apropriar, amparar, acompanhar e retirar.

Outro substantivo selecionado para a análise dos exemplos é *hábito*. Para esse substantivo o DiBU apresenta três acepções. Para a primeira acepção é apresentada a seguinte tradução: *hábito*. Foram mencionados dois exemplos para essa acepção, o primeiro é: *durante as férias adquiri o hábito de acordar tarde*. Abaixo seguem as ocorrências encontradas para alguns trechos desse exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“adquiri o hábito”	156
“adquiri o hábito de acordar”	2
“adquiri o hábito de acordar tarde”	1
“hábito de acordar tarde”	5
“hábito de acordar”	2.550
“adquirir o hábito”	912
“durante as férias adquiri o hábito”	0

Quadro 19 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para a primeira acepção do substantivo *hábito*.

Exemplo muito bem selecionado. Os autores do dicionário escolheram dois verbos para acompanharem o substantivo *hábito*. O primeiro verbo mencionado é “adquirir”; foi uma escolha bastante apropriada, como se pode confirmar por meio dos números registrados no quadro acima; “adquiri o hábito”, 156 ocorrências. Foi feita a pesquisa também com o verbo no infinitivo, acompanhando o substantivo *hábito*, e confirmou-se o seu uso, aparecem 912 ocorrências. O verbo “acordar” é o segundo que aparece no exemplo e também foi uma escolha bastante assertiva. A colocação “hábito de acordar” é muito utilizada na língua portuguesa, como confirmam os números da pesquisa no *Google*, 2.550 ocorrências. O trecho

“hábito de acordar tarde” aparece 5 vezes. Concluo que o exemplo provavelmente reflete de fato o uso da língua portuguesa, como se propõe o DiBU.

O segundo exemplo selecionado para a primeira acepção é: *José tem o péssimo hábito de falar mal dos colegas.*

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“péssimo hábito”	30.300
“tem o péssimo hábito”	824
“tem o péssimo hábito de falar”	15
“tem o péssimo hábito de falar mal”	2
“hábito de falar mal”	954
“falar mal dos colegas”	361

Quadro 20 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para a primeira acepção do substantivo *hábito*.

Várias partes diferentes do exemplo foram pesquisadas e todas apresentaram ocorrências, algumas com números bastante expressivos. Aparece no exemplo a colocação “péssimo hábito”, muito utilizada na língua portuguesa, como confirma o *site* de buscas *Google*, com 30.300 ocorrências. Os verbos escolhidos para compor o exemplo também foram muito apropriados; verbo “ter” e “falar”, como comprovam os trechos “tem o péssimo hábito”, com 824 ocorrências e “hábito de falar mal”, com 954. Os trechos “tem o péssimo hábito de falar” (15) e “tem o péssimo hábito de falar mal” (2), também apresentaram ocorrências. Portanto, se pode supor que o exemplo está bem representativo do que é usual na língua portuguesa.

As traduções apresentadas para a segunda acepção são: *hábito, costumbre*. E o exemplo citado é: *o artigo descrevia e analisava os hábitos da população local*. Seguem as pesquisas no *Google*.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“ <i>analisava os hábitos</i> ”	7
“ <i>descrevia os hábitos</i> ”	5
“ <i>descrevia e analisava os hábitos</i> ”	0
“ <i>analisava os hábitos da população</i> ”	0
“ <i>hábitos da população</i> ”	11.700
“ <i>hábitos da população local</i> ”	24

Quadro 21 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda acepção do substantivo *hábito*.

Pelo resultado das buscas no *Google*, diria que esse exemplo também foi bem selecionado. Os verbos escolhidos apresentam ocorrências, existe a presença de uma colocação bastante utilizada: “*hábitos da população*”, com 11.700 ocorrências e o trecho “*hábitos da população local*” também é utilizado na língua portuguesa, aparece no *Google* 24 vezes.

Para a terceira acepção é apresentada a seguinte tradução: *hábito* (uniforme). Para ilustrar essa acepção os autores do DiBU mencionam o seguinte exemplo: *os padres daquela congregação deixaram de usar o hábito*.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“ <i>usar o hábito</i> ”	47
“ <i>usam o hábito</i> ”	10
“ <i>deixaram de usar o hábito</i> ”	0
“ <i>deixou de usar o hábito</i> ”	0
“ <i>padres</i> ” “ <i>hábito</i> ” – 100 / 30 <i>hábito</i> (unif)	81.100
“ <i>hábito</i> ” - 100 / 4 (uniforme)	2.430.000

Quadro 22 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a terceira acepção do substantivo *hábito*.

A escolha do verbo “*usar*” foi bastante apropriada. O trecho “*usar o hábito*” aparece 47 vezes, provavelmente não tenha um número maior de ocorrências porque não existem mesmo muitas ocorrências para o substantivo *hábito* nessa acepção. A palavra *hábito* teve

2.430.000 ocorrências, foram analisadas as 100 primeiras e dessas, somente 4 estão no sentido de “uniforme”.

A presença no exemplo do substantivo “padres” também é pertinente. As palavras “padres” e “hábito” aparecem no mesmo texto 81.100 vezes no *Google*. As 100 primeiras foram analisadas e dessas, em 30 ocorrências o substantivo *hábito* está no sentido de “uniforme”. O que mostra que essas duas palavras são bastante utilizadas juntas na língua portuguesa. Dessa forma acredito que, ainda que o trecho “deixaram de usar o hábito” não apresente nenhuma ocorrência, o exemplo está coerente com o uso do substantivo *hábito* na língua portuguesa.

A pesquisa no *corpus da Folha de São Paulo* mostrou várias colocações com o substantivo *hábito* que costumam ser utilizadas na linguagem escrita da língua portuguesa. As que aparecem em maior número de vezes, em ordem decrescente são: “como de hábito” (81), “hábito de fumar” (45), “mudança de hábito” (40), “hábito da (de) leitura” (33), “hábito alimentar” (20), “velho hábito” (19), “falta de hábito” (17) e “força do hábito” (14).

Seguem outras colocações que aparecem de 8 a 11 vezes: “hábito de fazer”, “mau hábito”, “o mesmo hábito”, “hábito de ir”, “hábito de beber”, “hábito de tomar”, “hábito de ler”, “hábito de dar”, “hábito de (do) consumo”, “hábito de adiar”, “péssimo hábito” (colocação usada no segundo exemplo da primeira acepção do DiBU), “o velho hábito de (da)” e “sobre o hábito”. Outras colocações foram encontradas com número de ocorrências de 4 a 7: “hábito do brasileiro”, “hábito brasileiro”, “hábito comum”, “hábito cultural”, “hábito nacional”, “hábito saudável”, “hábito de usar”, “hábito da poupança”, “hábito do(s) motorista(s)”, “hábito de frequentar”, “hábito de escrever”, “hábito de deixar”, “hábito de comprar”, “hábito de comer”, “antigo hábito”, “questão de hábito” e “ligada(o) ao hábito”.

Todas estas colocações poderiam ser utilizadas para exemplificar o substantivo *hábito*.

O *corpus da Folha de São Paulo* nos mostra também quais os verbos que geralmente acompanham o substantivo *hábito* na linguagem escrita da língua portuguesa. Seguem os que aparecem em maior número de vezes: ter (196 – verbo usado no segundo exemplo da primeira acepção no DiBU), ser (69), criar (22), cultivar (20), perder (16), tornar (13), manter (12), mudar (10), virar (9), desenvolver (9), adquirir (8 – verbo usado no primeiro exemplo da primeira acepção no DiBU) e virar (6).

Os próximos verbos aparecem no *corpus* de 3 a 5 vezes: abandonar, aderir, adotar, associar, contrariar, deixar, despertar, haver, repetir, resgatar, retomar, transformar e trazer. E vários outros de 1 a 2 vezes: acalmar, ampliar, apontar, assimilar, assumir, aumentar, banir, começar, compreender, condenar, conhecer, consolidar, constituir, continuar, criticar, descrever (utilizado no exemplo da segunda acepção no DiBU), desestimular, determinar, difundir, dispensar, enfrentar, escapar, esquecer, estar, estimular, estudar, evitar, exercitar, existir, falar, faltar, herdar, impedir, implantar, importar, inaugurar, incentivar, incorporar, influenciar, institucionalizar, intensificar, interferir, introduzir, justificar, largar, pegar, permanecer, perpetuar, possuir, prosseguir, provocar, quebrar, reclamar, registrar, relacionar, representar, reprimir, reproduzir, ressucitar, restringir, revolucionar, romper, saber, sedimentar, seguindo, surgir, tirar, tratar, trocar, usar (faz parte do exemplo da terceira acepção do substantivo *hábito* no DiBU), vencer, ver, vestir, vir e voltar.

4.2 ADJETIVOS

Nessa seção são analisados os exemplos e identificadas as colocações com os adjetivos selecionados.

O primeiro adjetivo a ser analisado é *integral*. O DiBU menciona duas acepções para esse adjetivo, as traduções apresentadas para a primeira são: *completo, pleno*. O exemplo fornecido é o seguinte: *Marcos trabalha na fábrica em período integral*. O quadro abaixo mostra os números de ocorrências de partes do exemplo que aparecem no *site* de buscas *Google*, assim como foi feito com os substantivos.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“período integral”	268.000
“trabalha em período integral”	432
“trabalha na fábrica em período integral”	0
“período integral” “na fábrica”	414

Quadro 23 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira acepção do adjetivo *integral*.

A pesquisa no *Google* confirma que é bastante usual na língua portuguesa o adjetivo *integral* estar acompanhando o substantivo *período* formando a colocação “período integral”. Os trechos “período integral” e “na fábrica” aparecem no *Google* 414 vezes no mesmo texto. O trecho “trabalha em período integral” também tem um número de ocorrências bastante considerável, por isso considero este exemplo apropriado.

Para a segunda acepção o dicionário apresenta a seguinte tradução: *integral*, e os seguintes exemplos: *arroz integral; farinha de trigo integral; macarrão integral e pão integral*. Seguem os dados encontrados.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“arroz integral”	87.100
“farinha de trigo integral”	20.300
“macarrão integral”	569
“pão integral”	139.000

Quadro 24 – Número de ocorrências dos trechos dos exemplos apresentados para a segunda acepção do adjetivo *integral*.

Pode-se ver pelos números acima representados que a escolha dos exemplos é bastante pertinente, pois todos eles são representativos de como o adjetivo *integral* é de fato usado na língua portuguesa.

A pesquisa no *corpus Folha de São Paulo* mostra quais os substantivos que com frequência são acompanhados pelo adjetivo *integral*. Seguem os encontrados em maior número de vezes: “tempo integral” (163), “aposentadoria integral” (110), “salário integral” (103) “período integral” (86 – utilizado pelo DiBU no exemplo apresentado para a primeira acepção do adjetivo “integral), “valor integral” (71), “repasso integral” (53), “texto integral” (43), “correção integral” (35), “pagamento integral” (34), “arroz integral” (27 – colocação utilizada pelo DiBU no exemplo da segunda acepção) e “versão integral” (23).

Outras colocações foram encontradas de 11 a 20 vezes: “apoio integral”, “atendimento integral”, “atenção integral”, “dedicação integral”, “inflação integral”, “correção monetária integral”, “pão integral” (mencionado no DiBU para exemplificar o adjetivo *integral* na segunda acepção apresentada), “leite em pó integral” e “reajuste integral”.

De 4 a 10: “integral apoio”, “assistência integral”, “benefício integral”, “cumprimento integral”, “dedução integral”, “desenvolvimento integral”, “devolução integral”, “edição integral”, “estrutura integral”, “farinha integral”, “forma integral”, “formação integral”, “horário integral”, “suco de laranja integral”, “leite integral”, “pensão integral”, “remuneração integral”, “responsabilidade integral”, “serviço integral”, “subsidiária integral”, “tração integral”, “uso integral” e “vida integral”.

As colocações apresentadas acima poderiam ser utilizadas nos dicionários para exemplificar o adjetivo *integral*.

O segundo adjetivo pesquisado é *judicial*. O DiBU apresenta somente uma acepção com a seguinte tradução: *judicial*. O exemplo mencionado é: *o advogado perdeu o prazo para apelar da decisão judicial*.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“decisão judicial”	1.160.000
“apelar da decisão judicial”	293
“para apelar da decisão judicial”	2
“perdeu o prazo para apelar da decisão judicial”	0

Quadro 25 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o adjetivo *judicial*.

Novamente os números das ocorrências mostram que o exemplo foi bem escolhido. Ele traz uma colocação bastante utilizada na língua portuguesa, “decisão judicial”, com 1.160.000 ocorrências. O trecho “apelar da decisão judicial” também aparece 293 vezes e, “para apelar da decisão judicial”, 63 vezes. Embora o exemplo não tenha sido encontrado na íntegra, ele é provavelmente utilizado na linguagem oral da língua portuguesa.

Foi pesquisado no *corpus da Folha de São Paulo* quais substantivos costumam aparecer na língua portuguesa acompanhados do adjetivo *judicial*. O resultado é o que segue, primeiramente as colocações mais utilizadas: “decisão judicial” (291 – utilizado no exemplo apresentado pelo DiBU), “ação judicial” (225), “ordem judicial” (163), “processo judicial” (108), “autorização judicial” (104), “disputa judicial” (56), “cobrança judicial” (46), “sentença judicial” (42), “batalha judicial” (42), “determinação judicial” (39), “mandato judicial” (35) e “medida judicial” (28).

Colocações que aparecem de 10 a 20 vezes: “acordo judicial”, “confirmação judicial”, “briga judicial”, “contestação judicial”, “depósito judicial”, “dívida judicial”, “execução judicial”, “interpelação judicial”, “investigação judicial”, “liminar judicial”, “notificação judicial”, “pendência judicial”, “pensão judicial”, “perícia judicial”, “recurso judicial”, “separação judicial”, “sistema judicial” e “via judicial”. De 4 a 9 vezes: “alvará judicial”, “apreensão judicial”, “autoridade judicial”, “declaração judicial”, “demanda judicial”, “depoimento judicial”, “discussão judicial”, “embargo judicial”, “guarda judicial”,

“guerra judicial”, “instância judicial”, “instrumento judicial”, “interdição judicial”, “intervenção judicial”, “intimação judicial”, “pedido judicial”, “perito judicial”, “permissão judicial”, “polícia judicial”, “protesto judicial”, “questão judicial”, “representação judicial”, “revisão judicial”, “solução judicial” e “vitória judicial”.

Todas estas colocações poderiam ser utilizadas para exemplificar o adjetivo *judicial*.

O terceiro adjetivo analisado é *liberal*. O DiBU apresenta duas acepções para essa palavra. A tradução apresentada para a primeira é *liberal*. O exemplo mencionado é o que segue: *a política liberal do governo não nos agrada*. Abaixo seguem os números de ocorrências encontrados no *site* de buscas *Google* de alguns trechos do referido exemplo.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“política liberal”	21.700
“política liberal do governo”	172

Quadro 26 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a primeira acepção do adjetivo *liberal*.

Novamente as ocorrências encontradas confirmam que os trechos do exemplo são de fato usados na língua portuguesa. Além disso, o exemplo, na íntegra, pode muito bem ser usado na linguagem oral, portanto o considero adequado para exemplificar o adjetivo *liberal*.

Para a segunda acepção são apresentadas as seguintes traduções: *liberal*, *tolerante*, *abierto*. E o exemplo mencionado é o que segue: *eu sou uma pessoa liberal no tocante ao comportamento sexual*. Seguem as ocorrências encontradas no quadro abaixo:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“pessoa liberal”	185
“liberal no tocante”	26
“sou uma pessoa liberal”	12
“sou uma pessoa liberal no tocante”	0
“liberal no tocante ao comportamento	0

sexual”	
“no tocante ao”	610.000

Quadro 27 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para a segunda acepção do adjetivo *liberal*.

Alguns trechos procurados foram encontrados, já para outros trechos mais longos não foi encontrada nenhuma ocorrência. O trecho “sou uma pessoa liberal” me parece mais apropriado para a linguagem oral, principalmente em função do uso da primeira pessoa do singular, e tem poucas ocorrências (12), já a colocação “no tocante ao” é mais utilizada na linguagem escrita, o número de ocorrências comprova isso. Esses dados demonstram que os dois tipos de linguagem foram misturados, o que pode tornar o exemplo inapropriado.

Foi pesquisado no *corpus da Folha de São Paulo* quais os substantivos que costumam vir acompanhados pelo adjetivo *liberal*, são colocações sugeridas para serem utilizadas nos dicionários, nos exemplos para esse adjetivo. Os encontrados com maior frequência são os que seguem: “profissional liberal” (36), “pensamento liberal” (18), “política liberal” (17), “discurso liberal” (15), “economista liberal” (15) e “visão liberal” (11).

As próximas colocações foram encontradas de 7 a 10 vezes: “capitalismo liberal”, “credo liberal”, “democracia liberal”, “economia liberal”, “econômico(a) liberal”, “doutrina liberal”, “estado liberal”, “governo liberal”, “modelo liberal”, “projeto liberal”, “revolução liberal” e “teoria liberal”. E as seguintes de 4 a 6 vezes: “agenda liberal”, “candidato liberal”, “cartilha liberal”, “choque liberal”, “consenso liberal”, “democrata liberal”, “deputado liberal”, “febre liberal”, “grupo liberal”, “ideário liberal”, “ideologia liberal”, “jornal liberal”, “ofensiva liberal”, “orientação liberal”, “programa liberal”, “proposta liberal”, “radicalismo liberal”, “receita liberal”, “sociedade liberal”, “tradição liberal” e “transição liberal”.

Todas as colocações apresentadas acima poderiam ser utilizadas para exemplificar o adjetivo *liberal*.

O próximo adjetivo analisado é *marítimo(a)*, para o qual o DiBU apresenta somente uma acepção com as seguintes traduções: *marítimo, del mar*. Representada pelo seguinte exemplo: *os dois países querem desenvolver o seu comércio marítimo*. As ocorrências encontradas são as que seguem no quadro abaixo:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“comércio marítimo”	60.600
“desenvolver o seu comércio marítimo”	0
“desenvolver o comércio marítimo”	4

Quadro 28 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o adjetivo *marítimo*.

As ocorrências mostram que o exemplo contém uma colocação muito freqüente na língua portuguesa que é “comércio marítimo”, o que dá alguma credibilidade ao exemplo. O trecho “desenvolver o comércio marítimo” aparece 4 vezes. Novamente os trechos mais longos não apresentam grande número de ocorrências. Acredito que para a primeira parte do exemplo, “os dois países querem”, poderia ter sido escolhido um trecho que fosse comprovadamente usado com mais freqüência na língua portuguesa.

As combinações usadas habitualmente com o adjetivo *marítimo*, de acordo com o *corpus da Folha de São Paulo* são as que seguem, em ordem decrescente de número de freqüência: “cruzeiro marítimo” (38), “transporte marítimo” (30), “terminal marítimo” (19), “tráfego marítimo” (9), “grupamento marítimo” (7), “museu marítimo” (5), “salvamento marítimo” (5), “passeio marítimo” (4), “acidente marítimo” (3), “caminho marítimo” (3), “comércio marítimo” (3) e “porto marítimo” (3).

As colocações encontradas com o adjetivo *marítimo* no feminino são: “orla marítima” (60), “via marítima” (16), “plataforma marítima” (8), “expansão marítima” (7), “cia. marítima” (6), “capota marítima” (5), “carga marítima” (4), “costa marítima” (4), “ilha marítima” (4), “navegação marítima” (4), “procissão marítima” (4) e “corrente marítima” (3).

Estas colocações acima mencionadas poderiam ser utilizadas para exemplificar o adjetivo *marítimo(a)*.

Outra entrada que teve os exemplos analisados foi a do adjetivo *nefasto(a)*. O dicionário apresenta dois exemplos para uma mesma acepção, representada pela tradução *nefasto* e o primeiro exemplo mencionado é o que segue: *as queimadas na floresta amazônica têm conseqüências nefastas para o meio ambiente*. Seguem as ocorrências encontradas para alguns trechos desse exemplo no *site* de buscas *Google*:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“conseqüências nefastas”	51.200
“têm conseqüências nefastas para o meio ambiente”	1
“conseqüências nefastas para o meio ambiente”	19
“as queimadas na floresta amazônica têm conseqüências nefastas”	0

Quadro 29 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o adjetivo *nefasto(a)*.

Mais uma vez o exemplo apresenta uma combinação típica da língua portuguesa, “conseqüências nefastas”, com 51.200 ocorrências. O que mostra que o substantivo escolhido para acompanhar o adjetivo *nefasto(as)* foi bastante adequado. O trecho “conseqüências nefastas para o meio ambiente” aparece 19 vezes e “têm conseqüências nefastas para o meio ambiente”, uma vez. O exemplo me parece bastante apropriado, não somente pelas ocorrências encontradas, mas também porque o contexto da frase ajuda na compreensão do significado do adjetivo *nefasto*.

O segundo exemplo apresentado é: *esse homem exerce uma influência nefasta sobre sua família*. Seguem as ocorrências encontradas:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“influência nefasta”	914
“exerce uma influência nefasta”	2
“influência nefasta sobre sua família”	0
“influência nefasta sobre”	78

Quadro 30 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para o adjetivo *nefasto(a)*.

Como mostra o quadro acima, este exemplo apresenta uma colocação, “influência nefasta”, que apresenta 914 ocorrências. O que mostra que o substantivo escolhido para acompanhar *nefasto* foi bem selecionado. O trecho “influência nefasta sobre” também apresenta ocorrências, 78. Já o trecho “exerce uma influência nefasta” apresenta apenas 2 ocorrências. Trechos maiores não foram identificados. Os dados obtidos permitem concluir que o exemplo é razoável.

Em relação aos substantivos que freqüentemente ocorrem juntos ao adjetivo *nefasto (a, os, as)*, a pesquisa no *corpus da Folha de São Paulo* mostra as seguintes combinações: “efeito(s) nefasto(s)” (15), “consequência(s) nefasta(s)” (12), “influência nefasta” (6), “encruzilhada nefasta” (4), “acontecimento(s) nefasto(s)” (3), “pessoa nefasta” (2), “personagem nefasto” (2), “período nefasto” (2), “modo nefasto” (2), “forma(s) nefasta(s)” (2) e “doutrina nefasta” (2).

Para o adjetivo *observador(a)* o DiBU apresenta a seguinte tradução: *observador*. O exemplo mencionado é o que segue: *Mercedes é uma pessoa muito observadora, não deixa escapar nada do que acontece à sua volta*. O quadro abaixo mostra as ocorrências encontradas:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“muito observadora”	1.270
“pessoa muito observadora”	39
“é uma pessoa muito observadora”	14

Quadro 31 – Número de ocorrências dos trechos do exemplo apresentado para o adjetivo *observador(a)*.

As buscas feitas no *Google* mostram que alguns trechos do exemplo são de fato usados na língua portuguesa, ainda que as ocorrências não sejam em grande número. O número mais expressivo de ocorrências encontradas foi 1.270, para a combinação “muito observadora”, mas é muito comum o advérbio “muito” acompanhar qualquer adjetivo, o que a torna uma “combinação banal” ou “colocação muito comum”, denominações mencionadas por Hill e Lewis (1997 apud WELKER, 2004, p. 144). Tipo de colocação que não nos dá suporte suficiente para concluir se o exemplo no qual ela está inserida representa de fato o uso real da língua ou não. Os outros dois trechos pesquisados também apresentaram ocorrências.

Levando em consideração um dos propósitos do DiBU, que é auxiliar na compreensão da língua portuguesa, eu diria que esse exemplo é apropriado, principalmente pelo seu valor explicativo, ou seja, o exemplo auxilia na compreensão do significado do adjetivo *observador(a)*: é alguém que “não deixa escapar nada do que acontece a sua volta”.

Não foi identificado no *corpus da Folha de São Paulo* nenhuma colocação com o adjetivo *observador(a)*, somente no feminino aparece quatro vezes a combinação que foi mencionada no exemplo do DiBU: “muito observadora”.

Para o adjetivo *pacato(a)* o DiBU menciona as seguintes traduções: *pacífico, tranquilo, sereno* e apresenta dois exemplos. O primeiro é: *era muito pacato e nunca arrumava confusão*. Seguem as ocorrências encontradas no *Google*:

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“era muito pacato”	9

Quadro 32 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o adjetivo *pacato(a)*.

Com base na minha experiência como falante da língua portuguesa, reconheço essa frase como representativa da linguagem oral, o que provavelmente explica o fato do trecho

“era muito pacato” aparecer somente 9 vezes no *Google*. Acredito também que o exemplo escolhido ajuda na compreensão do significado do adjetivo *pacato* e o considero pertinente.

O segundo exemplo mencionado para o referido adjetivo é: *era muito agitado, mas, depois da doença, ficou mais pacato*.

No caso desse exemplo, ao contrário do exemplo anterior, acredito que seria pouco provável que essa frase fosse dita por um falante da língua portuguesa, e muito menos escrita. Talvez os autores do DiBU tenham escolhido esse exemplo porque ele poderia ajudar na compreensão do adjetivo, dando a idéia de que *pacato* tem o sentido contrário de “agitado”, o que faz sentido. Porém, o adjetivo *pacato* é normalmente usado na língua portuguesa no sentido de um estado permanente, uma característica da pessoa ou lugar. Não se costuma dizer que alguém ou algo “tornou-se” ou “ficou pacato” depois de um determinado fato ou acontecimento. No caso do exemplo mencionado, seria mais coerente se o adjetivo *pacato* fosse substituído por outro, como, por exemplo, “tranqüilo” ou “calmo”.

O trecho “ficou mais pacato” não aparece nenhuma vez no *site* de buscas *Google*.

No *corpus da Folha de São Paulo* o adjetivo *pacato* no masculino aparece 67 vezes. A única colocação que aparece é “mais pacato” (7 vezes) que é uma “combinação banal”. Aparece também várias vezes a combinação “pacato cidadão”, em referência à letra de uma música da banda *Skank*. Das 67 ocorrências, destaquei as que julguei mais relevantes. Em somente uma delas alguém “tornou-se pacato”: “abandonou a farda e virou um pacato contador”. As outras 40 confirmam o sentido do adjetivo “pacato” como mencionei anteriormente, como uma característica, um estado permanente, são as que seguem: “rapaz pacato”, “era um lugar mais pacato”, “do mais pacato burguês”, “intelectual pacato, caladão”, “um pacato chinês”, “ele é Loris, pacato cidadão”, “o pacato comentarista”, “no lado mais pacato da cidade”, “era o mais pacato da turma”, “o clima pacato das pequenas vilas”, “o goleiro pacato defendeu”, “Luciano é um sujeito muito pacato”, “não havia sujeito mais

pacato”, “o clima pacato...dos bailes”, “o mais pacato dos irmãos”, “o amigo era pacato”, “sou um cara caseiro, pacato”, “outro mais pacato e seguro”, “metamorfose do pacato editor”, “jogador era pacato”, “um pacato funcionário” (2), “de um homem pacato”, “todo cidadão pacato”, “do pacato Joe Dumars”, “o pacato leitor”, “Pacato, mas nem por isto humilde”, “têm um certo ar majestoso e pacato”, “discreto, aparentemente pacato”, “é o pacato médico”, “o pacato Minnesota”, “no pacato município gaúcho”, “sou um sujeito pacato”, “falar em povo pacato”, “um pacato pai de família” (2), “deste tranqüilo e pacato país”, “o pacato Pereira”, “o pacato ser”, “do pacato turista”.

Foi pesquisado também o adjetivo *pacato* no feminino. Foi encontrado um número um pouco maior de ocorrências que no masculino, 75 ocorrências. Com o adjetivo no feminino foram encontradas algumas colocações, uma delas com 16 ocorrências, número bastante significativo, que é “pacata cidade”. “Vida pacata” aparece 7 vezes, “pacata vila”, 4 vezes e “cidade pacata” e “pacata vida”, 3 vezes. Creio que qualquer uma dessas colocações seria uma boa opção para serem mencionadas em um exemplo, em um dicionário, para o adjetivo *pacato*. Outros quatro substantivos aparecem duas vezes no *corpus da Folha de São Paulo* acompanhando o referido adjetivo: “pessoa pacata”, “rua pacata”, “pacata professora” e “pacata rua”.

Para o adjetivo *químico(a)*, o DiBU apresenta dois exemplos para a mesma acepção e apresenta a tradução: *químico*. O primeiro exemplo é o que segue: *estamos estudando a composição química dessa substância*. Seguem as ocorrências encontradas.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“estamos estudando a composição química”	0
“estudando a composição química”	22
“estudando a composição química dessa	0

substância”	
“composição química dessa substância”	1
“composição química”	405.000

Quadro 33 – Número de ocorrências dos trechos do primeiro exemplo apresentado para o adjetivo *químico(a)*.

O exemplo contém a colocação “composição química”, que tem um altíssimo número de ocorrências, 405.000. O trecho “estudando a composição química” também apresenta ocorrências, embora com número bem reduzido, 22. Além desses dados obtidos, acredito que essa oração reflete a linguagem oral da língua portuguesa, e por isso pode-se considerar esse exemplo apropriado.

O segundo exemplo apresentado para o adjetivo *químico* é: *este produto não contém nenhuma substância química nociva para o ser humano*.

Trechos (partes) do exemplo.	Ocorrências no <i>Google</i>
“substância química”	95.800
“nenhuma substância química”	74
“substância química nociva”	9
“substância química nociva para o ser humano”	0
“não contém nenhuma substância química”	3
“este produto não contém nenhuma substância química”	0

Quadro 34 – Número de ocorrências dos trechos do segundo exemplo apresentado para o adjetivo *químico(a)*.

Os dados acima mostram que esse exemplo também contém uma colocação com grande número de ocorrências, “substância química”, com 95.800 ocorrências. O trecho “nenhuma substância química” também pode ser considerado uma colocação, com 74 ocorrências. Outros trechos também aparecem, como “substância química nociva”, 9 vezes e “não contém nenhuma substância química” tem apenas três ocorrências, mas é um trecho maior e, quanto maior o trecho, aumenta a probabilidade de apresentar número menor de

ocorrências. Com base nesses dados considero esse exemplo representativo da língua portuguesa e, portanto, adequado para exemplificar o adjetivo *químico*.

Os substantivos que são usados habitualmente com o adjetivo *químico*, de acordo com o *corpus da Folha de São Paulo*, são os que seguem, em ordem decrescente de número de ocorrências: “setor químico” (41), “produto químico” (40), “elemento químico” (28), “engenheiro químico” (28), “lixo químico” (14), “processo químico” (13), “equilíbrio químico” (9), “tratamento químico” (9), “grupo químico” (8), “controle químico” (7), “material químico” (6), “gás químico” (5), “laboratório químico” (5), “adubo químico” (4), “composto químico” (4), “coquetel químico” (4), “pó químico”, (4), “componente químico” (3), “processos químico-industriais” (3), “acidente químico” (2), “dependente químico” (2), “conhecimento químico” (2), “arsenal químico” (2), “especialista químico” (2) e “técnico químico”, (2).

Foi pesquisado também o adjetivo no feminino e foram encontradas as seguintes colocações, em ordem decrescente de número de ocorrências: “indústria química” (84), “engenharia química” (80), “substância química” (36 – colocação mencionada no segundo exemplo do *DiBU*), “composição química” (34 – colocação mencionada no primeiro exemplo do *DiBU*), “dependência química (30), “reação química” (27), “guerra química” (23), “arma química (18), “empresa química” (17), “análise química” (11), “área química” (9), “castração química” (9), “engenheira química” (9), “sensibilidade química” (7), “intervenção química” (6), “emulsão química (5), “energia química” (5), “unidade química”; (5), “estrutura química” (4), “fórmula química” (3), “fusão química” (3), “ligação química” (3), “produção química”; (3), “atividade química” (2), “equação química” (2), “instabilidade química” (2) e “natureza química” (2).

Todas estas colocações poderiam ser utilizadas para exemplificar o adjetivo *químico(a)*.

O número de ocorrências do adjetivo *químico(a)* no masculino é de 294 vezes e no feminino, 474. Do que se pode concluir que ele é mais usado na língua portuguesa no feminino, o que confirma que as colocações apresentadas nos exemplos do DiBU são bem representativas do uso da língua portuguesa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como instrumento foco de pesquisa o *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Portugués-Español* (DiBU). O DiBU apresenta exemplos para todas as palavras definidas. Seus autores explicam que os exemplos apresentados no dicionário foram criados por eles mas foram baseados em textos que teriam lido e em conversas que teriam escutado.

Por ser o DiBU um dicionário de uso, ele deve refletir o uso real da língua, ou seja, fornecer informações sobre o seu uso cotidiano. Por isso, os exemplos apresentados devem ser representativos e mostrar as combinações de palavras que se usam habitualmente, as restrições gramaticais e as preferências colocacionais.

O presente estudo se propôs a analisar os exemplos em português de alguns substantivos e adjetivos do DiBU na direção português-espanhol. Por meio desta análise se buscou verificar se de fato os exemplos apresentados pelo DiBU refletem o uso da língua portuguesa.

Sabe-se atualmente que a informática, por meio de bases de dados, é um importante recurso que nos permite identificar as expressões de uso freqüente, as combinações lexicalizadas, enfim, a palavra em seu ambiente natural, inserida no seu contexto de uso. Por isto, para verificar se os exemplos do DiBU realmente refletem o uso da língua portuguesa, os trechos dos exemplos foram pesquisados no *site* de buscas *Google*, que permite acesso a mais de 1,3 bilhão de páginas de textos escritos. As análises e conclusões foram baseadas no número de ocorrências encontradas neste *site* de buscas para as diversas partes dos exemplos pesquisadas. Pelo fato dos exemplos terem sido baseados também na linguagem oral e o *site* de buscas *Google* representar somente a linguagem escrita, as análises foram realizadas também com base na experiência da autora como falante da língua portuguesa.

O outro objetivo proposto neste trabalho foi identificar diversas colocações com estes substantivos e adjetivos para apresentá-las como sugestões para serem utilizadas nos exemplos de dicionários, já que as colocações são elementos fundamentais para representar o uso real da língua. Tal pesquisa foi realizada por meio do *corpus da Folha de São Paulo*, dos anos de 1995 e 1996.

Foram analisados um total de trinta e quatro exemplos, vinte e dois de substantivos e doze de adjetivos. Dos vinte e dois exemplos dos substantivos analisados, quinze deles foram considerados representativos da língua portuguesa (68,2 %). Três não foram considerados representativos (13,6 %) e quatro foram considerados parcialmente representativos (18,2 %). Dos doze exemplos dos adjetivos pesquisados, oito foram considerados representativos (66,6 %), dois não foram considerados representativos (16,7 %) e dois foram considerados parcialmente representativos (16,7 %).

Incluindo exemplos de substantivos e de adjetivos, foram vinte e três considerados representativos (68 %), cinco considerados não representativos (14,6 %) e seis parcialmente representativos (17,4 %). Somando-se os representativos e os parcialmente representativos chega-se a 85,4 % do total dos exemplos, contra 14,6 % não representativos.

Entre todos os exemplos pesquisados houve somente um caso em que o exemplo foi identificado na íntegra, foi o exemplo fornecido para a terceira acepção do substantivo *atividade*: *Qual é a sua atividade profissional?* Dos outros exemplos foram localizados somente trechos deles.

Dos trinta e quatro exemplos apresentados, dez deles não apresentam nenhuma colocação. Os outros vinte e quatro apresentam colocações com números bem expressivos de ocorrências. A colocação com menor número de ocorrências foi “macarrão integral”, com 569 ocorrências; as de maior número de ocorrências foram: “atividade física” e “decisão judicial”, as duas com o mesmo número de ocorrências: 1.160.000. Vinte exemplos apresentaram

colocações que tiveram número de ocorrências superior a 10.000. Estes são dados que demonstram que a grande maioria dos exemplos pesquisados apresentam colocações bastante utilizadas na língua portuguesa, o que contribui em muito para a representatividade do exemplo.

Por outro lado, o simples fato do exemplo apresentar uma colocação com grande número de ocorrências não o qualifica como totalmente representativo. Alguns exemplos foram considerados parcialmente representativos porque apresentam uma colocação mas não apresentam outros elementos que permitam concluir que o exemplo reflete o uso real da língua portuguesa. O exemplo apresentado para a primeira acepção do substantivo *garantia* foi um destes casos: *não consegui nenhuma garantia de que receberia o dinheiro que me deviam*. O exemplo apresenta a colocação “nenhuma garantia”, com 160.000 ocorrências e o trecho “garantia de que receberia”, que teve 12 ocorrências. Porém, os outros trechos do exemplo não apresentam nenhuma ocorrência, por isso este exemplo foi considerado parcialmente representativo.

Houve casos de exemplos que não apresentaram nenhuma colocação e seus trechos não foram encontrados (ou tiveram poucas ocorrências) no *Google*, exatamente como estão no dicionário. Mesmo assim foram considerados representativos da língua portuguesa. Em alguns casos isso acontece porque o exemplo é representativo da linguagem oral e não da linguagem escrita, logo, é pouco provável que seja encontrado no *Google*. Foi o caso do exemplo apresentado para o substantivo *cadastro*: *mantemos um cadastro de todos os nossos clientes*. É também o caso do primeiro exemplo fornecido para o substantivo *empecilho*: *não vejo empecilhos em mudar a data da nossa reunião*.

Independente das particularidades nas análises de cada exemplo, o que se pode concluir, de acordo com os dados encontrados no *site* de buscas *Google* e a partir das análises

realizadas é que a grande maioria dos exemplos analisados nesta amostra, são de fato representativos da língua portuguesa.

Como havia sido proposto no início deste trabalho, foram relacionadas diversas colocações para cada substantivo ou adjetivo analisado nesta pesquisa. Além das colocações foram mencionados todos os verbos que aparecem no *corpus* acompanhando os substantivos analisados nesta pesquisa. Estas colocações e estes verbos são oferecidos como sugestões para serem utilizados nos exemplos dos dicionários para os substantivos e adjetivos selecionados nesta pesquisa, com o propósito de contribuírem para que o dicionário possa proporcionar a seus usuários o desenvolvimento de sua competência comunicativa, e não somente a competência lingüística.

Para dois adjetivos não foram apresentadas colocações porque não foram encontradas ocorrências no *corpus da Folha de São Paulo*. São eles o adjetivo *observador(a)* e o adjetivo *pacato* no masculino. No caso desse último foi encontrada somente a colocação: “pacato cidadão”.

Após todas as análises e considerações realizadas em relação aos exemplos dos oito substantivos e dos oito adjetivos pesquisados neste trabalho, conclui-se que a grande maioria deles, parcial ou integralmente, refletem o uso real da língua portuguesa, como propõe o *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Portugués-Español*. O que lhe dá respaldo suficiente para denominar-se um dicionário de uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. **A contribuição da lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda.** Pelotas: EDUCAT, 2000. (Tradução/Artigo)

AL-KASIMI, A. M. The interlingual/translation dictionary. Dictionaries for translation. In: **Lexicography: Principles and Practice.** London: Academic Press, 1983. p. 153-162.

AMARAL, V. L. **Análise crítica de dicionários escolares bilíngües espanhol-português: uma reflexão teórica e prática.** 1995. 262 f. Tese de doutorado. Curso de Pós-Graduação em Letras. UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1995.

ATKINS, B. T. S. Bilingual dictionaries: past, present and future. **Euralex '96 Proceedings.** Papers submitted to the seventh Euralex International Congress on Lexicography in Göteborg, Sweden. Göteborg University, Department of Swedish. 1996, p. 515-546.

BÉJOINT, H. The Foreign Student's use of monolingual english dictionaries: a study of language needs and reference skills. In: **Applied Linguistic**, vol II/3. 1981. p. 207-222.

BERDET, E. F. Lengua, sociedad y diccionario: la ideología. In: FORGAS, Esther (Coord.). **Léxico y diccionarios.** Universitat Rovira i Virgili. Departament de Filologies Romàniques. 1996, p. 71-89.

BEVILACQUA, C. R. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. **Revista língua & literatura.** Universidade Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Departamento de Lingüística, Letras e Artes. Frederico Westphalen, v. 6 e 7, n. 10/11, p. 73-86, 2005.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.** Oliveira, A. M. P. de.; Isquierdo, A. N. (Org.) 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 131-144.

_____. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. **Revista ALFA: Revista de Lingüística.** Fundação Editora da UNESP. São Paulo, v. 47, n. 1., p. 1-127, 2003.

BORBA, Francisco da Silva. Roteiro para a montagem de um dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil (DUP). In: ZAMBONIM, D. J. (Org.) **Estudos sobre Lexicografia.** SériEncontros. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Ano VII, n.1. UNESP – Campus de Araraquara, 1993, p. 7-32.

CAMPOS, Miguel Calderón. **Sobre la elaboración de diccionarios monolingües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas.** Colección Estudios de Lengua Española. Campus Universitario de Cartuja. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada, 1994.

CARBALLO, M. A. C. e PLATERO, J. M. G. La lexicografía didáctica. In: GUERRA, A. M. (Coord.) **Lexicografía española**. Barcelon: Ariel, 2003, p. 333-351.

COWIE, A. P. The treatment of collocations and idioms in learner's dictionaries. **Applied Linguistics**. Autumn, v. II, n.3, p. 223-235, 1981.

CREAMER, T. Beyond the definitions: some problems with examples in recent chinese-english and english-chinese bilingual dictionaries. In: COWIE, A. (Ed.) **The dictionary and the language learner**. Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds. Tübingen, Niemeyer. 1987, p. 238-245.

CUADRADO, J. G. Enciclopedia y diccionario. In: FORGAS, Esther (Coord.) **Léxico y diccionarios**. Departament de Filologies Romàniques. Universitat Rovira i Virgili. 1996, p. 133-159

DICCIONARIO DE USO DEL ESPAÑOL DE AMÉRICA Y ESPAÑA. Barcelona: Spes, 2002.

DRYSDALE, P. D. The role of examples in a learner's dictionary. In: COWIE, A. (Ed.) **The dictionary and the language learner**. Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds. Tübingen, Niemeyer. 1987, p. 213-223.

ESCRIVÀ, M. B. Gramática y diccionario: la flexión verbal. In: FORGAS, Esther (Coord.) **Léxico y diccionarios**. Departament de Filologies Romàniques. Universitat Rovira i Virgili. 1996, p. 37-54.

FERNÁNDEZ, G. E.; FLAVIAN, E. Elaboración y uso de diccionarios bilingües. Un ejemplo: el Minidiccionario Español/Portugués de Editora Ática. **Revista de La APEESP**. Ano IV, n. 6, p. 85-95, 1994/1995.

FOX G. The case for examples. In: SINCLAIR (Ed.), J. **Looking Up**. London and Glasgow: Collins ELT. 1987, p. 137-149.

GALERA, J. A. La pragmática en los diccionarios españoles actuales. In: FORGAS, Esther (Coord.) **Léxico y diccionarios**. Departament de Filologies Romàniques. Universitat Rovira i Virgili. 1996, p. 7-23.

GONZÁLEZ, N. M. **Reflexiones en torno a la experiencia de haber hecho un diccionario**. In: III Congresso Brasileiro de Hispanistas. Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://www.lle.cce.ufsc.br/congresso/trabalhos_lingua>. Acesso em: 05 set 2006.

GRUESO, Fernando D. González. Las colocaciones en la enseñanza del español de los negocios. **Revista de Didáctica MarcoELE**. N. 2. Instituto Cervantes de Londres, 2006. Disponível em: <http://www.marcoele.com/num/2/0218f597f50ed1806/colocaciones_espanol_negocios.pdf>. Acesso em: 20 ago 2006.

HARTMANN R. R. K. On theory and practice: theory and practice in dictionary-making. In: **Lexicography: Principles and Practice**. London: Academic Press, 1983, p. 3-11.

_____. **Teaching and Researching Lexicography**. London: Pearson Education Limited, 2001.

_____. The use of parallel text corpora in the generation of translation equivalents for bilingual lexicography. Martin W., Meys W., Moerland M., Plas ten E., Sterkenburg van, Vossen (Eds.) 1994. **Euralex '94 Proceedings**. Papers submitted to the 6th Euralex International Congress on Lexicography in Amsterdam. The Netherlands. 1994, p. 291-297.

HUMBLÉ, P. **Dictionaries and language learners**. Frankfurt-am-Main: Haag und Herchen, 2001.

_____. The use of authentic, made-up and 'controlled' examples in foreign language dictionaries. **EURALEX**, 1998, Liège. Euralex'98. Proceedings. Liège: Université de Liège, 1998, v.2, p. 593-600.

IGNÁCIO, S. E. A apresentação dos verbos num dicionário gramatical de usos. **Revista ALFA: Revista de Lingüística**. Fundação Editora da UNESP. São Paulo, v. 40, p. 1-215, 1996.

JAIN, M. P. On meaning in the foreign learner's dictionary. **Applied Linguistics**. Autumn, v. II, n.3, p. 274-285, 1981.

LAUFER, B. Corpus-based versus lexicographer examples in comprehension and production of new words. **Euralex '92 Proceedings I-II**. Papers submitted to the 5th Euralex International Congress on Lexicography in Tampere. Finland. Part I, *Studia Translatologica* ser. A, v. 2, 1992, p. 71-76.

LAUFER, B.; KIMMEL, M. Bilingualised dictionaries: how learners really use them. **System**. V. 25, n.3, p. 361-369, 1997.

LEFFA, V. J. Aspectos externos e internos da aquisição lexical. In: LEFFA, Vilson J. (Org.) **As palavras e sua companhia; o léxico na aprendizagem**. Pelotas, 2000, v. 1, p. 15-44.

MARELLO, C. Examples in contemporary Italian bilingual dictionaries. In: COWIE, A. (Ed.) **The dictionary and the language learner**. Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds. 1987, p. 224-237.

MORENO, F.; GONZÁLEZ, M. **Diccionario Bilingüe de Uso español-portugués/portugués-español**. Madrid: Arco/Libros, 2003.

NESI, H. The role of illustrative examples in productive dictionary use. **Journal of the Dictionary Society of North America**. n. 17, 1996, p. 198-206.

PÉREZ, María Isabel Santamaría. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. Tese de doutorado - Facultad: Filosofía y Letras. Universidad de Alicante, 2000. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=6698&ext=pdf>>. Acesso em: 21 set 2006.

POTTER, L. Setting a good example. What kind of examples best serve the users of learner's dictionaries. **Euralex '98 Proceedings**. Papers submitted to the eighth Euralex International Congress on Lexicography in Liège, Belgium. University of Liège: English and Dutch Departments. 1998, p. 357-362.

RONCOLATTO, Eliane. Critérios para a organização de dicionários fraseológicos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Vol. 46(1), p. 43-52, jan/jun, 2004.

SÁNCHEZ, M. T. Definición y características específicas de las colocaciones. In: **La fraseología en el lenguaje biomédico: análisis desde las necesidades del traductor**. RedIRES. Publicaciones. ELiES - Estudios de Lingüística del Español, 6. Universidad Autónoma de Barcelona, 1999. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/>>. Acesso em: 20 ago 2006.

SCHMITZ, J. R. **Rumos e tendências na lexicografia brasileira**. SeriEncontros XVI. Araraquara. 1997, p. 55-67.

_____. A problemática dos dicionários bilíngües. In: **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. OLIVEIRA, A. M. P. de.; ISQUERDO, A. N. (Org.). 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001, p. 161-169.

SINCLAIR, J. M. Collocation. In: **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford University Press, Oxford. 1991, p.109-121.

SNELL-HORNBY, M. Towards a learner's bilingual dictionary. In: COWIE, A. (Ed.) **The dictionary and the language learner**. Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds. Tübingen, Niemeyer. 1987, p. 160-170.

SUMMERS, D. The role of dictionaries in language learning. In: CARTER R.; MCCARTHY M. **Vocabulary and Language Teaching**. Longman, London and New York. 1988, p. 111-125.

SVENSÉN, B. Equivalents in bilingual dictionaries. In: **Practical Lexicography**. Traduzido por John Sykes e Kerstin Schofield. New York: Oxford University Press. 1993, p. 140-162.

TOSQUE, P. **O dicionário bilíngüe como ferramenta de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira**. Trabalho de Lingüística Aplicada. UNICAMP. Campinas, v. 40 Jul./Dez 2002, p. 101-114.

WELKER, H. A. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WILLIAMS, J. Enough said: the problems of obscurity and cultural reference in learner's dictionary examples. In: **Euralex '96 Proceedings**. Papers submitted to the seventh Euralex International Congress on Lexicography in Göteborg, Sweden. Göteborg University, Department of Swedish. 1996, p. 497-505

XATARA, C. M. Os dicionários bilíngües e o problema da tradução. In: **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. OLIVEIRA, A. M. P. de.; ISQUERDO, A. N. (Org.) 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001, p. 181-188.

ZGUSTA, L. The Bilingual Dictionary. **Manual of Lexicography**. Capítulo VII. Mouton, The Hague. 1971, p. 294-344

ZULUAGA, A. **Los “enlaces frecuentes” de María Moliner. Observaciones sobre las llamadas colocaciones.** PhiN 22/2002:56-74. Disponível em: <<http://www.fu-berlin.de/phin/phin22/p22t3.htm>>. Acesso em: 4.out.2005.

APÊNDICE A – Levantamento dos verbos que acompanham o substantivo *atividade* no
corpus da Folha de São Paulo 1995/1996.

- 1. exercer – total: 43**
 - exercido em atividade – 1
 - exerce a atividade – 3
 - exercer a atividade – 10
 - exerce atividade – 4
 - exercer sua atividade – 4
 - exercendo atividade – 5
 - exercer atividade – 13
 - exerceram atividade – 1
 - exercer uma atividade - 2

- 2. estimular – total: 25**
 - estimular a atividade – 21
 - estímulo à atividade – 1
 - estimula a atividade – 2
 - estímulo para a atividade - 1

- 3. desenvolver – total: 2**
 - desenvolveu a atividade – 1
 - desenvolveu atividade – 1

- 4. restringir – total: 1**
 - restringir a atividade – 1

- 5. reestimular – total: 1**
 - reestimulem a atividade – 1

- 6. desestimular – total: 1**
 - desestimular a atividade – 1

- 7. reduzir – total: 1**
 - reduzir a atividade – 1

- 8. limitar – total: 1**
 - limita a atividade – 1

- 9. melhorar – total: 1**
 - melhorar muito a atividade - 1

APÊNDICE B – Levantamento dos verbos que acompanham o substantivo *dúvida* no *corpus da Folha de São Paulo 1995/1996*.

1. Verbo ter – total: 211

Não tenho a menor dúvida - 27
 Não tem mais dúvida - 2
 Tinha alguma dúvida - 4
 Ainda tem dúvida - 6
 Tenha dúvida de que - 1
 Tenho dúvida - 2
 Não temos dúvida - 9
 Não tem dúvida - 32
 Não ter dúvida - 10
 Não tenho dúvida - 71
 Não tenha dúvida - 17
 Não tiveram dúvida - 4
 Não teve dúvida - 24
 Tem essa dúvida - 2

2. Verbo haver – total: 364

Não há a menor dúvida - 24
 Não há a mais remota dúvida - 2
 Parece não haver dúvida - 5
 Não haver dúvida de - 3
 Não haver dúvida dos - 1
 Não há dúvida - 82
 Não há dúvida alguma - 6
 Não há dúvida de que - 122
 Não há dúvida nenhuma - 6
 Não há dúvida quanto - 16
 Não há dúvida que - 56
 Não há dúvida sobre - 9
 Há dúvida se - 4
 Há dúvida sobre - 2
 Se há dúvida - 2
 Ainda há dúvida - 4
 Se ainda houvesse dúvida - 1
 Havendo dúvida - 3
 Há pouca dúvida de que - 4
 Haver ocorrido dúvida - 1
 Havia ainda dúvida - 1
 Havia muita dúvida - 1
 Não haver dúvida - 9

3. Verbo restar – total: 7

Não resta a menor dúvida - 2
 Restava alguma dúvida - 1
 Não resta dúvida - 1

Restaria dúvida - 1
Resta sem dúvida - 1
Resta de dúvida - 1

4. Verbo ficar – total: 6

Fica ainda a dúvida - 1
Fica a dúvida - 1
Fico na dúvida - 1
Ficou em dúvida - 2
Fiquei em dúvida - 1

5. Verbo colocar – total: 18

Coloca em dúvida - 3
Colocado em dúvida - 1
Colocam em dúvida - 2
Colocando em dúvida - 1
Colocar a dúvida - 1
Colocar em dúvida - 5
Colocaram em dúvida - 1
Colocou em dúvida - 3
Se coloca mais em dúvida - 1

6. Verbo deixar – total: 4

Deixou em dúvida - 1
Deixam uma dúvida - 1
Não deixou nenhuma dúvida - 1
Não deixa dúvida - 1

7. Verbo pôr – total: 9

Ponho em dúvida - 1
Posta em dúvida - 1
Pôr em dúvida - 2
Põe em dúvida - 4
Põem em dúvida - 1

8. Verbo esclarecer – total: 2

Esclarecer uma dúvida - 1
Esclarecer qualquer dúvida - 1

9. Verbo estar – total: 4

Estou com uma dúvida - 1
Está em dúvida - 1
Se estiver em dúvida - 1
Que estiverem em dúvida - 1

10. Verbo persistir – total: 2

Persista a dúvida - 1
Persistia a dúvida - 1

11. Verbo assaltar – total: 2

Me assalta uma dúvida – 1

Assaltado pela dúvida – 1

Outros verbos

12. Lançou dúvida – 2

13. Subsistir alguma dúvida – 1

14. Conviver com a dúvida – 1

15. Dormir com uma dúvida – 1

16. Confessa ter dúvida – 1

17. Estabelece a dúvida - 1

18. Manter a dúvida – 1

19. Permite dúvida – 1

20. Manifestar dúvida – 1

21. Causa dúvida - 1

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.